

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Juliana Domingos de Lima

**Aborto em *Segunda Chamada*: um estudo de recepção com
espectadoras**

São Paulo
2022

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

**Aborto em *Segunda Chamada*: um estudo de recepção com
espectadoras**

Juliana Domingos de Lima

Orientador: Prof. Dr. Juliana Michelli S. Oliveira

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista Mídia, Informação e Cultura

São Paulo
2022

ABORTO EM *SEGUNDA CHAMADA*: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO COM ESPECTADORAS¹

Juliana Domingos de Lima²

Resumo: Tema que ainda é tabu na sociedade brasileira, o aborto tem ganhado novas representações televisivas nos últimos anos, em um contexto de ofensiva conservadora na política institucional e de revitalização do movimento feminista na sociedade civil. Este artigo realiza um estudo de recepção de um trecho do quinto episódio da série *Segunda Chamada* (2019), produzida pela Globo, que retrata o aborto de uma jovem mãe da periferia de São Paulo, levada a um desfecho trágico. A pesquisa compreende um grupo de mulheres de diferentes faixas etárias, raças e classes, que assistiram às cenas e responderam a um questionário baseado no conteúdo do episódio e em outros pontos de interesse relacionados ao tema. Suas respostas foram analisadas a partir de teorias feministas e agrupadas em alguns eixos que apontam caminhos para representações da interrupção voluntária de gravidez que possam contribuir para o avanço do debate sobre sua legalização no Brasil.

Palavras-chave: Recepção; aborto; gênero; direitos sexuais e reprodutivos; teledramaturgia.

Abstract: A topic that is still taboo in Brazilian society, abortion has gained new television representations in recent years, in a context of conservative onslaught in institutional politics and the revitalization of the feminist movement in civil society. This article conducts a reception study of an excerpt from the fifth episode of the series *Segunda Chamada*, produced by Globo, which portrays the abortion of a young mother from the outskirts of São Paulo, brought to a tragic outcome. The research comprises a group of women of different ages, races and classes, who watched the scenes and answered a questionnaire based on the episode's content and other points of interest related to the topic. Their answers were analyzed based on feminist theories and grouped into some axes that point out ways to represent voluntary interruption of pregnancy that may contribute to the advancement of the debate on its legalization in Brazil.

Key words: Reception; abortion; gender; sexual and reproductive rights; television.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

² Pós-graduanda em Mídia, Informação e Cultura no Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo, graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela mesma universidade. E-mail: juliana.lima@alumni.usp.br

Resumen: Tema que aún es tabú en la sociedad brasileña, el aborto ganó nuevas representaciones televisivas en los últimos años, en un contexto de ofensiva conservadora en la política institucional y de revitalización del movimiento feminista en la sociedad civil. Este artículo realiza un estudio de recepción de un fragmento del quinto episodio de la serie *Segunda Chamada*, producida por Globo, que retrata el aborto de una joven madre de la periferia de São Paulo, llevada a un desenlace trágico. La investigación está compuesta por un grupo de mujeres de diferentes edades, razas y clases, que vieron las escenas y respondieron un cuestionario basado en el contenido del episodio y otros puntos de interés relacionados con el tema. Sus respuestas fueron analizadas a partir de teorías feministas y agrupadas en algunos ejes que señalan formas de representar la interrupción voluntaria del embarazo que contribuyen al avance del debate sobre su legalización en Brasil.

Palabras clave: Recepción; aborto; género; derechos sexuales y reproductivos; teledramaturgía.

1. Introdução

Na noite de 5 de novembro de 2019, uma terça-feira, a TV Globo exibiu o quinto episódio da primeira temporada de *Segunda Chamada*, série que retrata o cotidiano de alunos e professores no ensino noturno para jovens e adultos em uma escola pública de periferia chamada Carolina Maria de Jesus. Tendo como mote o poder de transformação da educação, o enredo dos episódios costuma tratar de uma profusão de temas sociais que se manifestam nos obstáculos enfrentados pelos estudantes. No capítulo em questão, não foi diferente. Foram abordados três temas relacionados à condição das mulheres e à desigualdade de gênero: o aborto, o direito de amamentar em público e o machismo de um marido que tenta impedir a esposa de estudar.

Na trama sobre o aborto, que é o foco desta pesquisa, uma das personagens, a estudante chamada Rita (Nanda Costa), mãe de três filhos, descobre que está grávida ao ter seu pedido para fazer uma laqueadura negado no SUS. A personagem toma um abortivo comprado em um camelô e passa mal na escola, onde é socorrida e levada ao hospital por dois professores. As consequências dessa decisão são severas: além de ser denunciada pela médica que a atende, Rita tem uma hemorragia e morre.

A escolha pelo enfoque desta trama na pesquisa, entre as outras duas presentes no episódio, se justifica pelas seguintes razões: ao contrário dos outros dois tópicos – que discutem direitos previstos pela lei brasileira, ainda que não assegurados na prática para todas as mulheres –, a interrupção voluntária de gravidez não é legalizada no Brasil e sua descriminalização mobiliza diferentes setores da sociedade em um debate ainda muito distante do consenso (SANTOS, 2015); a representação foi produzida e veiculada em um contexto político de reação conservadora contra a conquista de direitos sexuais e reprodutivos no Brasil (BIROLI et al., 2017), no primeiro ano de mandato de um governo de extrema direita e em meio a uma quantidade de produções televisivas possivelmente inédita que se propuseram a tematizar o aborto na ficção (GARCIA, 2019).

Tal disposição em levar a temática do aborto à teledramaturgia, mesmo diante do tabu que ele representa na sociedade brasileira e da ofensiva conservadora em curso, pode estar relacionada ao terreno cultural (re)conquistado pelo movimento feminista na última década e a uma maior disseminação de suas pautas através das redes sociais (MARTINEZ, 2019).

Cabe notar que a produção de *Segunda Chamada* contou com uma equipe liderada por mulheres (COLETTI, 2021): as criadoras e roteiristas Júlia Spadaccini e Carla Faour e a diretora Joana Jabace. As autoras comentaram à imprensa a abordagem de temas ditos femininos pela série, como o próprio aborto, a maternidade e a violência contra a mulher, não como uma decisão mas como uma projeção natural de suas vidas para a ficção, algo que vem acontecendo à medida que mais mulheres ocupam lugar de destaque no audiovisual, como diz Julia Spadaccini: “A gente tem feito uma revolução na história da dramaturgia, ou mesmo da direção no audiovisual. As mulheres estão cada vez mais em lugares onde possam ter um lugar de fala, colocar suas temáticas, seu ponto de vista, seu olhar”. (LEONE, 2021).

A presente pesquisa, no entanto, não se concentra em analisar a produção da referida série, mas sua recepção, ou seja, os modos de apreensão e apropriação do produto audiovisual pelas espectadoras. Considera-se a hipótese de que discursos feministas tenham influência na maneira como mulheres brasileiras se relacionam com a temática do aborto e suas representações culturais e imagéticas, havendo, em paralelo, outros fatores a ser considerados nessa equação, como as variáveis de raça, classe, escolaridade e faixa etária. Assim, este trabalho realiza um estudo qualitativo da recepção, por parte de um grupo diverso de mulheres, da representação de um aborto provocado no quinto episódio da série e coleta, a partir dos conflitos retratados na série, visões dessas espectadoras sobre a temática da interrupção voluntária de gravidez e, mais amplamente, dos direitos reprodutivos.

O direito ao aborto — junto a outros métodos de controle de natalidade — é um requisito fundamental para a autonomia das mulheres (DAVIS, 2016, p. 205). Por essa razão, a denúncia da maternidade compulsória esteve presente nas reivindicações das mulheres desde o início das lutas pela igualdade de gênero, portanto pelo menos desde o século 19. Biroli (2017, p.135) lembra que a ausência do direito de controlar a capacidade reprodutiva compromete a trajetória e a participação das mulheres em outros âmbitos da vida para além do cuidado e da esfera privada.

No Brasil, o aborto é proibido por lei e só pode ser realizado atualmente em três casos: de gestação decorrente de estupro, anencefalia do feto e risco de vida para a mulher³. Ainda assim, de acordo com a Pesquisa Nacional de Aborto 2016 (DINIZ et al., 2017), trata-se de um evento frequente e persistente entre as brasileiras de todas as classes, raças, níveis educacionais

³ Os casos de aborto legal no país estão descritos no artigo 128 do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940 e no acórdão do julgamento da ADPF 54 pelo Supremo Tribunal Federal em 2012. Ver em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/de12848.htm e <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=3707334>.

e religiões — ainda que se mostre mais frequente entre mulheres de menor escolaridade, pretas, pardas e indígenas.

Considerando que grande parte dos abortos são feitos de forma clandestina e, portanto, fora das condições plenas de atenção à saúde, Diniz (2017, p. 659), aponta que as taxas de realização encontradas “colocam, indiscutivelmente, o aborto como um dos maiores problemas de saúde pública do Brasil”.

A nível global, o direito à interrupção voluntária de gravidez teve avanços significativos nas últimas décadas, e 59% da população feminina em idade reprodutiva (o que equivale a cerca de 970 milhões de mulheres) vivem em países que permitem amplamente a realização do aborto (CENTER FOR REPRODUCTIVE RIGHTS, 2021). O Brasil está entre os países com leis mais restritivas ao procedimento.

Partindo daí, o presente artigo investiga: a) como — em relação a aspectos técnicos e também discursivos — se dá a representação do aborto no seriado em questão; b) quais os efeitos dessa representação sobre espectadoras mulheres e suas percepções sobre questões ligadas aos direitos sexuais e reprodutivos a partir dessa mesma representação, tendo como objetivo central identificar, analisar e discutir a recepção do tema do aborto entre mulheres com diferentes perfis sociais.

2. Problematização e marcos teóricos

2.1 Recepção, convergência e feminismo em rede

De acordo com Jacks (2015), a problemática da recepção funda os estudos de comunicação, a partir da preocupação com o que os meios de comunicação estariam causando na audiência. Assim, o campo dos estudos de recepção inaugurou suas atividades no início do século 20. O termo recepção nasce dos modelos elaborados por estudiosos no fim dos anos 40 — o modelo de Lasswell e o de Shannon e Weaver — para sistematizar o processo de comunicação. Desde então, apesar das críticas ao poder que o termo confere aos meios e de tentativas de redesignação, ele ainda não foi superado. Requer, porém, adjetivações e readequações para lidar com o momento atual de convergência midiática (JENKINS, 2009), em que a relação entre meios e receptores se tornou mais complexa, borrando as fronteiras entre emissão e recepção e tornando a participação mais efetiva da audiência um fator impossível de ignorar.

Tendo em vista esse fluxo midiático propiciado pelo uso da internet e das ferramentas digitais, é possível que discursos políticos que também ampliaram sua disseminação pelas

redes, como é o caso do feminismo, tenham alguma participação nos processos de recepção. Esta hipótese deve valer especialmente para espectadoras mais jovens — de 15 a 34 anos —, que tendem a ser, no período recente, as que mais se declaram feministas (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2010).

Martinez (2019) considera haver um movimento de eclosão do campo discursivo de ação feminista no Brasil em curso desde 2015, em que a internet se consolidou como “um espaço facilitador de trocas, onde as mulheres (mesmo as que não reivindicam para si uma identidade feminista) identificam, compartilham e nomeiam experiências comuns”. Com isso, houve um alargamento e uma capilarização desse campo discursivo, o que ampliou a participação de mulheres de todos os recortes e intersecções.

Entre 2011 e 2014, período de agregação desse campo em torno da internet no Brasil, a autora aponta ainda que a questão da autonomia sobre o próprio corpo emergiu como pauta central na reflexão feminista cibernética, articulada a marchas e protestos feministas ocorridos nas ruas, como a Marcha das Vadias.

2.2 Direitos sexuais e reprodutivos

Se é verdade que para as gerações de feministas contemporâneas a questão do corpo assumiu um significado mais amplo (GOMES E SORJ, 2014), essa pauta já era central para as gerações anteriores, para as quais estava atrelada principalmente às reivindicações pela descriminalização da interrupção voluntária de gravidez – denominação alternativa para o aborto induzido –, pelo planejamento familiar e pela saúde da mulher.

Essas reivindicações foram agrupadas pelo termo “direitos reprodutivos”, cuja origem remonta ao fim dos anos 1970 nos Estados Unidos (CORRÊA E PETCHESKY, 1996), quando foi fundada a Rede Nacional pelos Direitos Reprodutivos naquele país. Nos anos 1980, o conceito se espalhou por movimentos da Europa e do Sul global (países em desenvolvimento dos diferentes continentes).

Corrêa e Petchesky (1996, p. 149) definem os direitos sexuais e reprodutivos em termos de poder e recursos — “poder de tomar decisões com base em informações seguras sobre a própria fecundidade, gravidez, educação dos filhos, saúde ginecológica e atividade sexual; e recursos para levar a cabo tais decisões de forma segura”.

Esses direitos dependem, portanto, de uma base constituída por direitos sociais: fatores materiais, de infraestrutura, serviços de saúde acessíveis, humanizados e bem equipados. Só assim, segundo as autoras, as mulheres podem tomar decisões reprodutivas realmente livres, e

não compelidas pelas circunstâncias ou por desespero. Assim, a posição social das mulheres acaba por determinar se elas estão aptas a tomar essas decisões com dignidade.

Embora o terreno dos direitos sexuais e reprodutivos envolva as noções de integridade corporal e controle sobre o próprio corpo, as autoras destacam que “o corpo existe em um universo socialmente mediado” (p. 149), o que coloca em questão as relações das mulheres com filhos, parceiros sexuais, membros da família, a comunidade e a sociedade.

Nesse contexto, Biroli (2018, p. 141) destaca que: “A própria definição dos direitos sexuais e reprodutivos como escolhas individuais pode ocultar que as condições em que as pessoas escolhem são constituídas por uma série de assimetrias”.

2.3 Gênero na produção cultural e representação do aborto

A ideia de que o gênero deve ser analisado em intersecção com outras, como raça e classe — a que se dá o nome de interseccionalidade (CRENSHAW, 1989) — inspira a decisão deste trabalho de buscar diferentes recortes de mulheres. Dessa maneira, ainda que o estudo conte com um grupo formado exclusivamente por mulheres cisgênero, visa se distanciar do essencialismo — ênfase dada ao aspecto biológico e a uma suposta identidade primária entre mulheres — que colaborou para que a categoria mulher tenha sido posta em xeque ao longo da história do pensamento feminista (PISCITELLI, 2002).

Assim, a decisão de trabalhar com a categoria mulher está assentada na possibilidade de sua reformulação como categoria política, sem que tenha um sentido definido atrelado à biologia ou mesmo a uma concepção monolítica de opressão, mas sim encarando “mulher” como uma ideia historicizada.

Não há como falar dessa historicidade sem conceituar o termo gênero, paradigmático no pensamento feminista sobre as “diferenças sexuais”. Scott (1988) o define como “o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais”, o que não significa que o gênero reflete diferenças fixas ou naturais, mas sim que se trata de construção social.

De Lauretis (1994) enquadra a produção cultural como uma “tecnologia do gênero”, uma prática discursiva que produz efeitos sobre os corpos, comportamentos e relações sociais. Para a autora, o gênero não é uma propriedade dos corpos a priori, mas se dá sob o efeito de várias tecnologias ou aparatos, produto de diferentes tecnologias sociais e “de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como de práticas da vida cotidiana” (p. 208).

Se a produção cultural participa da construção do gênero e da reprodução de suas dinâmicas na sociedade, o olhar para essa produção não deve ser negligenciado ao pensar temas ligados às desigualdades de gênero, como é o caso do aborto.

Entretanto, em relação a este tema, é preciso encarar a hipótese de uma “pobreza das representações” que, segundo Boltanski (2012, p.215), seria uma das propriedades do aborto em múltiplas culturas. O autor fala em “um déficit de representação”, notando que o aborto ou fetos abortados não parecem ter sido figurados com frequência em objetos ou em imagens, “nem nas sociedades primitivas ou tradicionais, nem na Antiguidade, nem na pintura ocidental”. Mesmo em relatos ou na literatura parece estar ausente, ou aparece apenas em termos velados.

Porém, sobretudo nos últimos trinta anos, encontram-se representações diretas do aborto em obras literárias ou cinematográficas. Entretanto, mesmo nesse caso, a narrativa em palavras ou imagens é, na maior parte das vezes, acompanhada de justificativas políticas ou morais que a inserem em uma crítica à ordem existente. Raramente as narrativas são dadas tais quais, sem necessitar de justificativa. (BOLTANSKI, 2012, p. 216)

2.4 Antecedentes do aborto na TV brasileira: *Malu Mulher*

Ao se pretender tratar da interrupção voluntária de gravidez em uma produção da TV brasileira contemporânea, um resgate histórico da relação da televisão e do telespectador brasileiros com essa temática pode ter utilidade. Nesse âmbito, Almeida (2012) analisou o papel paradigmático da série da TV Globo *Malu Mulher* para a abordagem de questões de gênero e sexualidade na televisão brasileira.

Exibido entre 1979 e 1980, o seriado era voltado a um público de mulheres escolarizadas de classe média urbana e tratava da história de Maria Lucia (interpretada por Regina Duarte), uma socióloga de 32 anos, mãe, que se separa logo no primeiro episódio. Ao longo da série, foram discutidos diversos assuntos ligados à desigualdade de gênero, refletindo o aumento da visibilidade do movimento feminista brasileiro na segunda metade da década de 1970 e as demandas populares conectadas ao gênero que emergiam na época, como a reivindicação das mulheres por creches no país.

O aborto foi um dos temas abordados em *Malu Mulher*. No episódio intitulado “Ainda não é hora”, uma jovem que deseja interromper uma gravidez não planejada é auxiliada por Malu. Jô (interpretada por Lucélia Santos), é filha do porteiro do prédio da protagonista e realiza trabalhos de datilografia para ela. Em uma conversa, acaba revelando a gravidez e pede ajuda: diz que seu pai iria matá-la, que ainda não era hora e que gostaria de continuar estudando. “As justificativas são inúmeras, como que para criar a simpatia do espectador em relação à causa”, observa Almeida (p. 133). O mesmo poderia ser dito sobre o episódio que traz o aborto em

Segunda Chamada, em que o contexto no qual a personagem é inserida funciona como uma estratégia para criar simpatia.

Para a autora do artigo, a questão da interrupção voluntária de gravidez nunca mais foi abordada — pelo menos até a publicação, no início dos anos 2010 — da mesma maneira pela emissora. Esse fato provavelmente se deve à recepção negativa do episódio, que somada à rejeição de outros capítulos mais ousados, teria contribuído para o fim da série. Almeida afirma que o episódio em questão apresentava um discurso favorável à legalização do aborto e tratava do procedimento “como direito da mulher, não como crime ou maldade” (p. 132). O episódio é apontado como o que mais gerou reações negativas na imprensa.

Ainda assim, ela vê o seriado como central para as mudanças ocorridas nas construções de gênero na teledramaturgia da rede Globo — algumas das quais se tornaram mais hegemônicas, enquanto outras (entre elas, provavelmente, ainda que a autora não explicita, o aborto) permaneceram um tabu na televisão brasileira.

3. Metodologia

A presente pesquisa, de caráter qualitativo, exploratório e não probabilístico, reúne um conjunto de instrumentos que visam avaliar a recepção do tema aborto entre um público constituído de mulheres. Para isso, organiza-se em 3 etapas principais: 1) Análise técnica e crítica do episódio que serve de base para a investigação; 2) Definição de perfil das entrevistadas, composição e aplicação de questionários; 3) Análise e discussão do material coletado com base nos marcos teóricos da pesquisa.

Em relação à primeira etapa, após iniciada a leitura da bibliografia e de realizar a análise técnica (VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ, p. 69) e crítica da primeira temporada da série *Segunda Chamada* (2019) — com atenção especial ao quinto episódio⁴, sobre o qual a pesquisa se debruça —, preparou-se o questionário a ser aplicado nas espectadoras participantes. As perguntas elaboradas⁵ se basearam no conteúdo das cenas que acompanham a interrupção voluntária da gravidez da personagem e buscaram extrair das participantes suas impressões a respeito da representação do aborto feita pelo episódio em questão, assim como visões pessoais sobre a interrupção de gravidez.

⁴ O episódio completo e o excerto exibido estão disponíveis no link: <https://tinyurl.com/2p88tc4z>

⁵ O questionário completo pode ser consultado no Apêndice 1, p 21.

Concomitantemente, foram definidos perfis etários, de classe⁶ e raça para garantir diversidade de perspectivas entre as entrevistadas. A consideração das variáveis de classe e raça, além do gênero, está ancorada no conceito da interseccionalidade, originalmente atribuído a Crenshaw (1989). Já a definição de duas faixas etárias – 20-35 anos e 45-65 anos –, testa a hipótese de haver também um corte geracional nas opiniões das brasileiras sobre a legalização do aborto (CÉSAR et al. 1997), com as mais jovens potencialmente influenciadas pela difusão da pauta feminista na internet em anos recentes.

Uma vez que o episódio contém outras tramas paralelas à da personagem que realiza o aborto, foi preparada uma versão editada, com cerca de 12 minutos de duração, apenas com as cenas que são objeto da pesquisa. O próximo passo foi trabalhar na análise dessas cenas, exibidas para as participantes logo antes das entrevistas. A partir do modelo utilizado por Vanoye e Goliot-Lété (2009), foi realizada uma análise dos planos, enquadramentos, ângulos e movimentos de câmera utilizados, assim como aspectos da fotografia, direção de arte e trilha sonora⁷.

Antes de inaugurar a etapa de entrevistas, realizou-se um pré-teste com três mulheres do convívio da pesquisadora. A aplicação do questionário em caráter experimental propiciou um refinamento das questões propostas, fornecendo insights sobre a sequência mais adequada e o acréscimo de novas perguntas. Iniciou-se então a busca pelas participantes do estudo de recepção, empregando para tanto estratégias variadas. Realizou-se uma convocatória entre pessoas próximas – que não participaram diretamente, mas indicaram conhecidas que se encaixassem nos perfis delimitados e fossem desconhecidas da pesquisadora – e nas redes sociais, bem como uma busca ativa e uma abordagem semi-aleatória (“semi” pois se ateu aos perfis) de potenciais participantes pelo Twitter, a partir de uma pesquisa pelo nome da série na plataforma; e também presencialmente, em uma unidade do Sesc de São Paulo, para alcançar principalmente participantes que não seriam facilmente encontradas via redes sociais. Essa busca presencial foi realizada no Sesc Belenzinho, unidade localizada na Zona Leste de São Paulo, próxima ao metrô e acessível a vários públicos.

Munida pela análise das cenas e pela leitura da bibliografia, prosseguiu-se à etapa de aplicação do questionário nas participantes. Levando em conta as restrições impostas pela pandemia de covid-19 e a localização remota de algumas das respondentes, todas as entrevistas foram realizadas por videoconferência, mesmo aquelas com mulheres abordadas pessoalmente.

⁶ Com base no rendimento médio mensal domiciliar per capita e na classificação do IBGE.

⁷ Ver análise na íntegra no Apêndice 2, p 23.

Nas entrevistas, exibiu-se o excerto editado do episódio para as participantes, acompanhando a exibição de forma síncrona e entrevistando-as a seguir para coletar suas impressões e opiniões sobre a representação do aborto na série e outros aspectos relacionados ao tema.

Por fim, após a transcrição das entrevistas, foi feita a organização do material e sua análise com base nos autores e conceitos já referenciados nos marcos teóricos, levando em conta, principalmente, as relações estabelecidas entre os temas representados na série e a literatura.

Deste modo, o grupo de entrevistadas é composto pelos seguintes perfis:

Identificação	Idade	Raça/Etnia	Escolaridade e ocupação	Classe	Estado civil e filhos
Entrevistada A	20	Negra	Superior incompleto (cursando Ciências Sociais); estudante	Classe D	Solteira, sem filhos
Entrevistada B	20	Branca	Superior incompleto (cursando Publicidade e Propaganda); estudante	classe A	Solteira, sem filhos
Entrevistada C	26	Branca	Pós-graduação lato sensu em serviço social na saúde	classe E	Solteira, sem filhos
Entrevistada D	34	Negra	Superior completo	classe C	Solteira, sem filhos
Entrevistada E	46	Branca	Pós-graduação em atendimento de famílias e casais	classe C	Divorciada, um filho
Entrevistada F	57	Branca	Pós-graduação em marketing	classe A	Casada, sem filhos
Entrevistada G	65	Negra	Superior incompleto	classe D	Solteira, sem filhos

4. Apresentação, análise e discussão dos resultados

4.1 Análise do episódio

Através de uma análise detalhada⁸ das cenas do episódio que compõem a trama sobre o aborto, identificou-se que a trajetória da personagem possui momentos de forte intensidade dramática — suscitados pela estrutura do roteiro, atuações e outros aspectos técnicos como

⁸ Ver no apêndice 2, p. 23.

trilha sonora, fotografia e enquadramentos — construindo um tom predominante de tensão e tragédia. Esses momentos envolvem o espectador emocionalmente, mas dividem espaço no episódio com tramas paralelas. O beijo entre os professores que ocorre ao final também pode ser visto como um dispositivo narrativo para apaziguar o desconforto que a morte da personagem e o tema do aborto em si possam provocar no espectador, dispositivo este presente em toda a estrutura da série.

Cabe ainda mencionar quem é a personagem que personifica no episódio a mulher que aborta: Rita é jovem, branca, pobre e de periferia, não terminou os estudos e já tem três filhos. Todo o seu contexto corrobora a ausência ou escassez de alternativas à decisão tomada.

O percurso da personagem ao abortar se dá em três espaços públicos: a unidade básica de saúde, a escola e o hospital públicos, em solidão e sem apoio familiar, algo que decorre de sua condição social. O ponto de partida da história — no SUS, onde a personagem tenta e não consegue realizar uma laqueadura — já opera como contra-argumento a quem diga que não se deve abortar e sim prevenir a gravidez. Ela tentou, mas teve o acesso à contracepção negligenciado pelo Estado. A questão da escolha individual, debate importante na literatura sobre direitos reprodutivos, é levantada na fala da personagem da médica, e rebatida por outro personagem.

Nesse sentido, a série parece construir uma argumentação contrária à criminalização do aborto no país. Mas, se havia intenção de apresentar uma perspectiva favorável ao direito ao aborto, o episódio parece encerrar a discussão um passo atrás de onde deveria chegar. Os diálogos entre os personagens⁹ não são capazes de aprofundar a questão e a morte de Rita surge como um fato triste, mas esperado, sem repercussão aparente no cotidiano da escola, arena central do desenvolvimento da série. A personagem sequer tem direito aos ritos funerários que são parte importante do pertencimento à sociedade humana (BOLTANSKI APUD TATTERSALL, 1998).

A morte e os eventos que a precedem não são mostrados. Fala-se numa hemorragia, mas em nenhum momento se vê sangue. Não há representação gráfica do aborto. Esse cuidado de não tornar as sequências apelativas pode também estar ligado à reticência coletiva em inscrever o aborto e o feto abortado em um registro simbólico (BOLSTANSKI, 1998, p. 216), ao chamado déficit de representação do aborto, mesmo quando se deseja narrá-lo.

4.2 Análise do material coletado nas entrevistas

⁹ Ver Apêndice 3, p. 23.

O uso de uma versão editada do episódio em detrimento de sua exibição completa — com quarenta minutos de duração total e tramas paralelas à de Rita —, foi uma imposição decorrente do foco de análise desta pesquisa e da viabilidade da estratégia empregada: mostrar as cenas referentes ao aborto de forma síncrona e em seguida aplicar o questionário nas participantes. No entanto, é necessário considerar que tal abordagem pode ter repercutido na recepção das entrevistadas, potencializando talvez o impacto da trama do aborto ao destacá-la dos demais assuntos abordados no episódio.

Em relação ao grupo de mulheres ouvidas na pesquisa, buscou-se uma composição diversa de raça, classe social e faixa etária. Ainda assim, a prevalência de visões críticas à criminalização do aborto entre as entrevistadas pode indicar um viés na amostra, uma vez que a maior parte das brasileiras tende a um posicionamento contrário à legalização do aborto. (CÉSAR et al., 1997). Este fator, porém, não invalida os resultados preliminares desta pesquisa, que é exploratória e não probabilística.

A partir do conteúdo das cenas exibidas, todas as participantes reconheceram as desigualdades de acesso à saúde e aos direitos reprodutivos enfrentadas pelas brasileiras de acordo com seu nível de renda e, algumas, — em particular C e G — também mencionaram a questão racial como um fator determinante para esse acesso.

A enfermeira fala para ela que ela deveria usar anticoncepcional, ela diz que não pode porque tem trombose e aí se entende que mulheres de outras classes vão conseguir ter alternativas, vão ter um tratamento melhor, o acesso a um tratamento de qualidade e ela por ser uma mulher pobre, como dá para perceber, não tem acesso a isso, não tem acesso a informações. Tudo isso é vigente e vai determinar o que vai acontecer. (ENTREVISTADA A, Apêndice 3, p. 29)

“As mulheres negras são pior atendidas nesse caso. Ainda aquela era uma moça branca. Se vai uma mulher negra numa condição dessa, ela é esculachada a mil, pior ainda”, observou a entrevistada G, que é uma mulher negra.

“É uma realidade que eu imagino muito comum para mulheres pobres, principalmente para mulheres negras. A questão da renda é claro que influencia demais, quanto mais você depende de um serviço público, mais desprotegido está”, disse a entrevistada C, mulher branca que trabalha em um serviço de abortamento legal.

As entrevistadas também compartilharam um posicionamento favorável à descriminalização do aborto, e todas afirmaram se identificar com a posição assumida pela professora no diálogo que ocorre no hospital¹⁰.

¹⁰ Transcrito na p. 26.

Tendo em vista tal coincidência — apesar das diferenças de faixa etária, classe e raça entre as entrevistadas —, admite-se a possibilidade de que a escolaridade mais alta que predomina na amostra possa ser um fator determinante para a visão das mulheres a respeito da problemática em torno do aborto (CÉSAR et al., 1997), sobrepondo-se inclusive a convicções morais e religiosas.

A entrevistada B (Apêndice 3, p. 33) relatou o papel determinante da escola em mudar sua opinião sobre o assunto, a princípio contrária, através de debates com colegas e professores:

Eu tinha tudo para ter uma opinião diferente, porque sou super religiosa, frequento a igreja. Mas tive uma escola muito boa que abordava temas como esse. Por mais que fosse uma escola de elite paulistana, eram professores muito bem instruídos que traziam esses temas e a gente discutia em sala de aula. E ao estudar o tema, eu não consigo ter outra opinião.

Já a entrevistada F declarou ser “super a favor do aborto, deixando de lado questões religiosas, sentimentais, sendo simplesmente prática”.

Nas falas das participantes, também é possível identificar duas outras vias principais, além da educação formal, de formação de opinião sobre o tema: a experiência vivida e o contato com movimentos sociais.

No primeiro caso, vivências próprias ou testemunhadas do aborto levaram-nas a ter dimensão concreta do impacto negativo da criminalização do procedimento na vida das mulheres e da assimetria desse impacto a depender da condição social da mulher que aborta. Enfatizando a falta de apoio da sociedade especialmente a mulheres de classes mais baixas, a entrevistada F (ver Apêndice 3, p. 49) afirmou que:

[A personagem Rita] é um símbolo do que acontece a maior parte das vezes no Brasil. Já aconteceu na casa da minha mãe de uma funcionária tomar um abortivo. Meu irmão teve que levar ela de emergência para o hospital e ela morreu. A gente não sabia o que estava acontecendo. Então isso é muito comum. As mulheres estão totalmente abandonadas à própria sorte.

Também a partir de sua experiência, a entrevistada C, que atua em serviço de abortamento legal, disse: “me considero feminista e sou a favor da legalização do aborto. Vejo isso dentro do meu trabalho (...) vejo como uma discussão que é muito importante, justamente porque isso acontece todos os dias, porque mulheres morrem todos os dias, desprotegidas por várias questões que a gente vivencia por ser mulher, escolhas que não estão nas nossas mãos”.

A entrevistada G relatou ter realizado um aborto clandestino há mais de 20 anos. Segundo a Pesquisa Nacional de Aborto de 2016, ao menos 20% das mulheres brasileiras já teria realizado no mínimo um aborto aos 40 anos de idade. Apesar de ter precisado fazer um

empréstimo para abortar, ela teve o suporte de um médico com quem tinha relação próxima. “Fui privilegiada naquele momento. Imagine quem tem condições. Vai ficar no melhor lugar, no melhor hospital [depois do procedimento]”, afirmou. Além dessa experiência, sua visão sobre a questão também foi influenciada por sua atuação política:

Foi com certeza os movimentos sociais, o movimento negro, o movimento de mulheres, que firmaram [minha opinião] . Eu acho que já tinha muito isso em mim e firmou mais ainda a minha consciência de que você é livre para fazer o que você quiser. Você tem um corpo que é seu, você faz dele o que quiser, mas precisa do poder público para te ajudar.

Partindo dessa visão crítica em relação à criminalização do aborto no Brasil, as entrevistadas foram contra a perspectiva, manifestada pela personagem da médica¹¹, a respeito da escolha da personagem em abortar ou não — e, mais amplamente, sobre a possibilidade de fazer escolhas anteriores em sua vida sexual e reprodutiva.

Achei a fala [da médica] meio infeliz porque, na perspectiva da personagem, ela não tinha escolha. Para ela, não existia outra opção a não ser essa. E uma vez que não é legalizado e que ela é uma pessoa de classe mais baixa, literalmente a única escolha que ela tinha era essa. É muito fácil para uma médica branca e provavelmente de classe mais alta falar que sempre tem escolha, porque não tem. (ENTREVISTADA B, Apêndice 3, p. 34)

A entrevistada E destacou o status educacional da personagem, indicado pelo fato de cursar a EJA (Educação de Jovens e Adultos). Especulou ainda sobre a possibilidade de não ter recebido instrução da família em relação à contracepção e de ela não contar com o apoio do parceiro, refletindo sobre as condições dessa dita escolha. “Talvez ela não tivesse muitas opções de escolha, é uma pessoa de recursos muito escassos. Talvez essa fosse a única [opção] que ela entendeu que poderia resolver as dificuldades e as demandas dela”.

Para a entrevistada F, o episódio teve a intenção de mostrar a ausência de livre arbítrio das mulheres e de apoio da sociedade principalmente em relação a mulheres de classes mais baixas.

Será que ela [a médica] falou só [da escolha] de não tomar abortivo ou ela falou [da escolha] de não ficar grávida? Eu não sei o que que ela falou ali. ‘Todo mundo tem uma escolha’ — uma escolha de não transar, de reprimir os seus prazeres? Tem a escolha de não usar camisinha, ou não usa porque o parceiro acha que é uma bobagem, que não dá o mesmo prazer? Qual foi a escolha dessa mulher? A gente nunca parou para perguntar. É isso que tá faltando, é essa

¹¹ No diálogo transcrito na p. 25.

conversa que falta sabe? Qual é a sua escolha? (ENTREVISTADA G, Apêndice 3, p. 51)

Espontaneamente, isto é, sem ter sido perguntadas diretamente sobre qual imaginavam ser a posição do marido (que tampouco é retratada no episódio: ele só aparece no final, quando Rita já morreu) sobre a questão, as entrevistadas E, F, G, todas da faixa etária 45-65 anos, levantaram possíveis restrições às decisões da personagem sobre seus direitos sexuais e reprodutivos a partir de sua relação conjugal.

A respeito da primeira sequência¹², em que a personagem é questionada por uma agente de saúde sobre o uso de outras formas de contracepção após ter a laqueadura negada, a entrevistada G observou que “ela não sabe como é a vida conjugal dela [de Rita], se esse homem com o qual ela transou permitiu que ela usasse camisinha”. A entrevistada B também mencionou uma possível recusa ao uso do preservativo por parte do parceiro sexual ao comentar a questão da escolha.

Para a entrevistada F, a ausência do marido durante a maior parte da ação também diz algo. “O marido não era um parceiro pelo que ficou claro no episódio, tanto que ela não dividiu essa informação com ele”, afirmou.

Nota-se que, mesmo sem haver no episódio uma representação do papel do homem no desenrolar dos eventos retratados, o machismo se faz presente no imaginário dessas espectadoras ao refletirem sobre o poder de decisão de uma mulher em torno de sua sexualidade e reprodução.

Chama atenção que, mesmo sendo contrárias à criminalização do aborto e críticas aos comentários da médica a respeito da situação da paciente, praticamente todas as entrevistadas mostraram desconhecimento sobre o fato de que a denúncia feita pela profissional de saúde fere a ética médica ao quebrar o sigilo entre médico e paciente. Elas acreditavam ser dever da médica, de acordo com esse mesmo código de ética, comunicar o aborto da paciente às autoridades, sob pena de ter repercussões negativas na carreira se não o fizesse.

“Ela fez o papel dela. Ela que segue uma legislação, uma constituição. Se é certo ou errado... Não sei até onde ela podia dizer ‘não vou falar nada’”, disse a entrevistada G. Apenas as entrevistadas A, C e D apontaram a atitude da médica como incorreta. “É errado, não caberia denunciar. Caberia apenas a ela socorrer a paciente”, afirmou a entrevistada D.

Em relação ao posicionamento da série sobre o aborto, a maioria considerou que o episódio não se posiciona tão claramente ou teve dúvidas sobre esse posicionamento. A visão

¹² Ver análise completa das cenas na p. 23.

predominante entre as espectadoras é que o episódio se preocupa em “trazer a discussão”, “mostrar a realidade”, “provocar a reflexão” sobre o tema.

Mas há nuances e divergências entre elas: para as entrevistadas A e B, ambas pertencentes à faixa etária 20-35 anos, ainda assim a série tende a um posicionamento favorável à legalização. A entrevistada B (Apêndice 3, p. 35) afirmou ter

uma certa dúvida se ela está se posicionando ou não, mas acho que mostrar a realidade e colocar a personagens com falas como a da professora é sim um certo posicionamento. São falas muito claras de quem é a favor da legalização, de que ela não teve escolha, essa é a realidade dela, todos os motivos para ela ter feito isso (...) escancarar essa realidade que muitas vezes não é falada é um posicionamento.

Ao mesmo tempo, outras viram na encenação de diferentes pontos de vista sobre a questão a evidência para uma certa neutralidade do episódio em relação ao tema. Foi o caso das entrevistadas E e F, ambas mulheres brancas e da faixa etária 45-65 anos.

“Em nenhum momento eu vejo eles forçando o telespectador a decidir por um lado ou por outro, eles mostram todos os lados. Eles só mostram os fatos, as reações antagônicas das pessoas, mas aí você decide”, afirmou a entrevistada F.

Já as entrevistadas C e G manifestaram opinião mais crítica ao posicionamento da série sobre o aborto. Na visão da primeira, faltou ir além do retrato da realidade: “poderia ainda talvez ser falado mais em relação a se pensar o aborto como uma questão legal”. Já a segunda, viu o posicionamento da série como punitivo: “É punitivo do começo da cena ao fim. ‘Não faça porque não é bom fazer’. É muito claro, é punição”. “Em hipótese alguma” ela vê a série como pró-descriminalização.

Tais variações na apreensão do posicionamento da série corroboram a análise de que, apesar da escolha de abordar o tema, ela se exime de tomar uma posição mais frontal em relação à legalização do aborto, dando margem a interpretações conflitantes ou incertas.

Além disso, as reações descritas pelas entrevistadas — e mesmo percebidas em alguns casos durante a exibição — indicam que as cenas causam impacto emocional sobre os espectadores (tristeza, compaixão e desespero foram os principais sentimentos descritos por elas ao acompanhar a história de Rita) e podem contribuir para criar empatia por mulheres que vivenciam esse tipo de situação, como colocou a entrevistada A (Apêndice 3, p. 30):

São poucos minutos que a gente tem contato com a personagem, mas a gente se sente tocado pela história dela. (...) Achei bastante importante dar um nome, um rosto àquela pessoa. Porque às vezes quando a gente coloca números de quantas mulheres morrem por ano [em decorrência do aborto], as pessoas têm dificuldade de ter empatia. Mas quando tem uma história ali elas vão conseguir se identificar, porque todo mundo conhece alguém que está numa situação financeira não muito boa, alguém que tem

filhos e não tem emprego. Tudo isso ajuda a se colocar no lugar, a entender os motivos que levam uma pessoa a precisar disso.

Ainda assim, esse impacto parece não levar a um entendimento mais efetivo sobre o aborto como um direito e não ser capaz de alterar concepções das espectadoras sobre a questão. A entrevistada C definiu o tratamento dado ao tema pela série como “mais dramático” ao mostrar o sofrimento da personagem, o que considerou importante, mas disse ter faltado uma reflexão sobre o direito ao aborto.

Todas afirmaram que a cena assistida reforçou o que pensavam anteriormente a respeito da interrupção voluntária de gravidez. Isso leva a questionar em que medida o discurso da série sobre o aborto serve apenas como receptáculo das visões da espectadora sobre o tema. O fim trágico da personagem, apesar de comover, também foi visto por quase todas as entrevistadas com uma aparente resignação, como um retrato fiel da realidade de mulheres daquela condição social quando precisam recorrer ao aborto.

Nenhuma das entrevistadas foi capaz de recordar outras representações ficcionais do aborto na televisão nacional. As entrevistadas C e F ligaram esse fato a uma sub-representação da questão em séries, novelas e filmes. “Não me lembro, principalmente em TV aberta. Acho que é muito pouco falado, muito pouco retratado. Fora situações espontâneas, a provocação do aborto não aparece, disse “C”.

Por fim, ao serem questionadas sobre qual final alternativo gostariam de dar para a personagem, as participantes apresentaram em formulações variadas desejos semelhantes: de que Rita sobrevivesse, não fosse presa, terminasse os estudos, conseguisse melhorar de vida e criar seus filhos com dignidade. Os votos das espectadoras para a história de Rita ecoam o lema “Nem presa, nem morta”, entoado por feministas latino-americanas em diferentes países da região nos últimos anos em defesa do aborto.

Considerações finais

Tema fundamental no âmbito dos direitos sexuais e reprodutivos e nas discussões de movimentos feministas, a interrupção voluntária de gravidez parece ter sido historicamente pouco representada na teledramaturgia nacional, sobretudo com uma abordagem favorável à sua legalização. No entanto, essa lacuna de representação pode estar sendo diminuída, a julgar pelas produções televisivas que, pelo menos desde 2019, têm se voltado ao tema.

A série da TV Globo “Segunda Chamada” se insere nesse recorte, com um episódio de sua primeira temporada tratando da interrupção voluntária de gravidez de uma jovem mãe da periferia, paralelamente a outras questões ligadas à opressão das mulheres.

Esta pesquisa mostrou que, embora um tanto apressado, o retrato do aborto feito pela série delimitou um recorte social que propiciou a percepção pelas espectadoras de como a desigualdade de renda determina as condições em que mulheres realizam o aborto na clandestinidade.

A série também expôs, através dos posicionamentos de seus personagens, algumas vertentes do debate sobre o aborto e foi percebida em geral como retrato da realidade, principalmente ao fechar o enredo com a morte da personagem.

Cabe perguntar se a representação da morte de uma mulher por um aborto clandestino causaria maior choque fosse outra sua condição de renda. Nesse caso, repisar a realidade com a morte de uma mulher pobre e periférica, sem se engendrar nenhum desdobramento de luta ou luto, não estaria contribuindo para uma normalização da morte de determinados corpos em decorrência do aborto?

O reforço das visões prévias das espectadoras pelo conteúdo da série leva a questionar em que medida o discurso presente no episódio serve apenas como receptáculo para a opinião de quem assiste, independente de qual seja. De acordo com essa hipótese, o episódio poderia também reforçar concepções antiaborto ou a responsabilização individual da personagem por seu fim trágico, assumindo o papel de um “conto de advertência”, como sugeriu uma entrevistada G ao descrever a resolução da trama como punitiva. Faz-se necessário avaliar a recepção do episódio entre mulheres contrárias à legalização do aborto para testar a validade dessa hipótese.

Embora já possua algum respaldo teórico (CÉSAR et al., 1997), a hipótese de que a escolaridade das mulheres entrevistadas atuou como um determinante para a opinião favorável à legalização do aborto, sobrepondo-se a outros fatores, também deve ser alvo de investigações futuras.

A princípio, entende-se que ter mais representações sobre a problemática do aborto nos produtos culturais pode contribuir para o avanço desse debate na sociedade brasileira. Mas, para isso, é preciso refletir sobre quais formas de contar essas histórias são capazes de sensibilizar e provocar o espectador, quais fortalecem e quais desafiam o status quo, quais contribuem com a formação de uma visão crítica em torno da ideia da escolha individual da mulher que aborta e quais alimentam mitos.

Em suma, espera-se que mais estudos como esse possam contribuir para a reflexão sobre as representações culturais em torno do aborto, instigando criadores a imaginar representações que honrem o sofrimento das mulheres impossibilitadas de exercer esse direito em segurança e que estejam à altura dos desafios que esse debate ainda deve proporcionar para a sociedade brasileira.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Heloísa Buarque de. **Trocando em miúdos: gênero e sexualidade na TV a partir de Malu Mulher**. Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]. 2012, v. 27, n. 79, pp. 125-137. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000200008>. Epub 23 Jul 2012. ISSN 1806-9053. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000200008>. [Acesso em: 14 fev. 2022].

BIROLI, Flávia et al. **O direito ao aborto no debate legislativo brasileiro: a ofensiva conservadora na Câmara dos Deputados**. Opinião Pública [online]. 2017, v. 23, n. 1, pp. 230-260. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-01912017231230>. Epub Jan-Apr 2017. ISSN 1807-0191. <https://doi.org/10.1590/1807-01912017231230>. [Acesso em: 16 fev. 2022]

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOLTANSKI, Luc. **As dimensões antropológicas do aborto**. Revista Brasileira de Ciência Política [online]. 2012, n. 7, pp. 205-245. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522012000100010>. Epub 05 Jul 2012. ISSN 2178-4884. [Acesso em: 14 fev. 2022].

CENTER FOR REPRODUCTIVE RIGHTS. **The World's Abortion Laws, 2021**. Disponível em: <https://reproductiverights.org/maps/worlds-abortion-laws> [Acesso em: 10 dez. 2021].

CÉSAR, Juraci A. et al. **Opinião de mulheres sobre a legalização do aborto em município de porte médio no Sul do Brasil**. Revista de Saúde Pública [online]. 1997, v. 31, n. 6 [Acessado 3 Abril 2022], pp. 566-571. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101997000700004>. Epub 16 Ago 2001. ISSN 1518-8787. <https://doi.org/10.1590/S0034-89101997000700004>.

COLETTI, Caio. **Segunda Chamada celebra equipe liderada por mulheres: “Faz muita diferença”**. Omelete, 2021. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/series-tv/segunda-chamada-entrevista-mulheres> . [Acesso em: 19 jan. 2022].

CORRÊA, Sonia e PETCHESKY, Rosalind. **Direitos sexuais e reprodutivos: uma perspectiva feminista**. Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]. 1996, v. 6, n. 1-2, pp. 147-177. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73311996000100008>>. Epub 11 Maio 2010. ISSN 1809-4481. <https://doi.org/10.1590/S0103-73311996000100008>. [Acesso em: 15 fev. 2022].

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. 1989. Disponível em: <<https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?Article=1052&context=uclf>> [Acesso em: 13 mar. 2022].

DAVIS, Angela. **Racismo, controle de natalidade e direitos reprodutivos**. In: *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016. pp. 205-223.

DINIZ, Debora, MEDEIROS, Marcelo e MADEIRO, Alberto. **Pesquisa Nacional de Aborto 2016**. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2017, v. 22, n. 2, pp. 653-660. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232017222.23812016>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017222.23812016>. [Acesso em: 14 fev. 2022].

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **A contribuição do olhar feminista**. Intexto, Porto Alegre, n. 3, p. 1-11, 1998.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado**. Pesquisa de opinião pública. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/pesquisaintegra_0.pdf>, Agosto de 2010. [Acesso em: 12 mar. 2022].

GARCIA, Fábio. **Nunca se falou tanto sobre aborto nas novelas quanto em 2019**. Cláudia, 2019. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/famosos/nunca-se-falou-tanto-sobre-aborto-nas-novelas-quanto-em-2019/>> . [Acesso em: 13 mar 2022].

GOMES, Carla e SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil**. Sociedade e Estado [online]. 2014, v. 29, n. 2, pp. 433-447. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000200007>>. Epub 17 Set 2014. ISSN 1980-5462. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000200007>. [Acesso em: 13 Março 2022].

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2.ed. – São Paulo: Aleph, 2009.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-241.

LEONE, Lucas. Segunda Chamada: "**É o projeto da minha vida**", diz Débora Bloch sobre **série no Globoplay**. AdoroCinema, 2021. Disponível em: <<https://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-160464/>>. [Acesso em: 20 mar 2022].

MARTINEZ, Fabiana. **Feminismos em movimento no ciberespaço**. Cadernos Pagu [online]. 2019, n. 56 [Acesso em: 29 ag. 2021].

PISCITELLI, Adriana. "Recriando a (categoria) mulher?". In: ALGRANTI, L. (org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Textos Didáticos, no 48. Campinas, IFCH-Unicamp, 2002, p. 7-42.

SANTOS, Rayani Mariano dos. **O debate parlamentar sobre aborto no Brasil: atores, posições e argumentos**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade de Brasília.

SCOTT, Joan. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1988.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. São Paulo: Papyrus, 2009.

APÊNDICE 1 — QUESTIONÁRIO

1. Qual seu nome completo?
2. Qual sua idade?
3. Qual sua raça/etnia?
4. Qual seu grau de escolaridade?
5. Qual seu estado civil?
6. Tem filhos?
7. Qual a sua classe social? (estimativa de renda familiar em salários mínimos)
8. Já havia assistido antes às cenas apresentadas? Se sim, quando e em qual plataforma (exibição na TV, Globoplay, download)?

9. Quando o episódio apresenta a personagem Rita, com 3 filhos, no SUS, tentando ligar as trompas, qual seu sentimento por ela?
10. Acha que a situação da personagem é comum no Brasil? Há alguma diferença em diferentes classes sociais?
11. Na sua opinião, a médica estava correta em denunciar a paciente por abortar? Por quê?
12. Na cena em que os dois professores discutem a respeito da decisão da personagem, com quem ou com qual posicionamento se identifica mais?
13. Como você se sentiu com a morte da personagem?
14. Que final alternativo você daria para ela?
15. Qual o significado da morte da personagem, na sua opinião?
16. Na sua visão, a série tem um posicionamento claro em relação ao aborto? Qual?
17. Acha que o tratamento dado ao tema é adequado e sensível? Por quê?
18. Você é contra ou a favor do aborto?
19. A discussão sobre aborto na série fez você encarar a questão por um ângulo diferente ou reforçou o que pensava antes?
20. Você se lembra de ter visto a outras tramas sobre aborto na TV? Qual era o nome da novela/série? Algo te marcou nela?
21. Como você vê o papel da escola na trama?

APÊNDICE 2 — ANÁLISE COMPLETA DAS CENAS

A primeira cena situa a personagem Rita em uma unidade de saúde pública, acompanhada pelos três filhos pequenos, na qual espera conseguir realizar um procedimento de ligadura das trompas. Nervosa, ela discute com uma atendente ao saber que não poderá ser atendida naquele dia. Um médico aparece com a explicação: ela está grávida. A notícia lhe causa grande desespero.

Um plano americano (que também pode ser dito de conjunto, por revelar boa parte do cenário – um ambiente interno, de aparência neutra, com paredes cinza e cadeiras de espera) mostra duas mulheres discutindo em pé, uma vestindo jaleco e a outra com roupas normais. A câmera está fixa em ângulo normal. Existe profundidade de campo: no primeiro plano, mais próximo ao espectador, uma bancada com papéis e duas pessoas, de costas, trabalhando no computador. Atrás das personagens nas quais está centrada a ação, sentadas à direita, estão visíveis e em foco três crianças que assistem à conversa. Há uma janela no outro canto que banha o ambiente com uma luz branca. Ao fundo há também algum movimento de pessoas que

passam ou se levantam. Um telefone que soa distante e uma leve trilha sonora que sugere tensão ou suspense.

Há um corte e uma das crianças chama pela mãe, dizendo que está com fome. O plano seguinte é um close do rosto de Rita (Nanda Costa), e um contraplano nas crianças, com a câmera parada à altura delas, à qual ela desce para dizer que já vai. Outro corte e a discussão entre as duas é retomada em um plano mais fechado, um primeiro plano. A presença dos filhos e seus apelos intensificam a dramaticidade da cena e também dão o contexto da personagem – uma jovem mãe que já se desdobra para criar três filhos e não teria condições de criar mais um, segundo diz na cena, o que justifica sua urgência em conseguir a contracepção cirúrgica. A discussão se encerra com Rita se exaltando ainda mais, elevando a voz e amassando uma folha, frustrada. Alterna-se um plano mais distante, americano, como do ponto de vista de alguém que olhasse mais do fundo da sala de espera, e um primeiro plano enquadrando as duas. Novamente em plano americano, um médico aparece ao fundo da sala e chama seu nome completo, ela caminha até ele, um corte e estão num primeiro plano, o médico de costas, ela de frente para a câmera. Plano e contraplano conforme falamos, ele dá a notícia da gravidez e a câmera se alonga nela por quase 10 segundos, na sua expressão que comunica tudo sobre o que a notícia significa para uma mulher na sua situação. Ela se vira para olhar as crianças, a câmera as enquadra e volta para Rita, ainda com aparência transtornada, com os olhos se deslocando nervosamente como quem pensa no que fazer.

A segunda cena é mais curta e já transcorre em outro ambiente, a escola pública que é o mote e a locação principal da série. Dois novos personagens entram em cena, os professores Sônia e Marco André. A câmera os acompanha, agora num primeiro plano, eles caminham e conversam – o assunto também tem relação com o arco de Rita e com a maneira como ele irá lidar com a interrupção da gravidez da aluna. Ele é adotado, sua mãe biológica morava na comunidade onde a escola está localizada e não teve condições de criá-lo. O corpo de Rita aparece à frente, se contorcendo ainda fora de foco, à medida que eles se aproximam da entrada. Com a câmera mais de perto, Rita entra em foco e um plano frontal mostra rapidamente a expressão dos dois ao ver a aluna. Entra uma trilha sonora de suspense, Rita cai e a câmera acompanha seu movimento até o chão, um penúltimo corte mostra-a caída desacordada e o último um contraplano dos professores debruçados sobre ela apavorados, se entreolham.

Na terceira cena, Rita é levada para a sala dos professores por Sonia e Marco André, que tentam ajudá-la e diz à professora que está abortando. A câmera ganha um pouco mais de movimento (ainda que sutil), parece estar na mão. Os planos são bem fechados nos personagens – são, em geral, closes e há um plano detalhe de Rita apertando a mão de Sonia –, seus corpos

e rostos, criando no espectador uma sensação de intimidade e proximidade, mas também de angústia, sufocamento. Além dos enquadramentos mais fechados, há um contato físico próximo dos professores com a personagem ao acudi-la, também demonstrativo do envolvimento dos professores dessa escola com seus alunos ao longo de toda a série. Entra a trilha dramática de um piano, após Rita dizer que está abortando.

A seguir, na quarta cena, Marco André volta à sala e toma conhecimento de que Rita ingeriu um abortivo. Ele a recrimina brevemente mas diz que vai ajudá-la. Os enquadramentos, movimentos da câmera e ritmo de montagem seguem o mesmo padrão da cena anterior. Entra uma trilha sonora de tensão. A intensidade das atuações carrega na dramaticidade da cena.

Ambientada em um carro, em que Sonia e Marco André levam Rita para o hospital, a quinta cena se inicia por um plano frontal, com a câmera parecendo estar do lado de fora do carro, Marco André dirige, com Sonia e Rita no banco de trás. Um corte e a câmera fecha nelas duas, Rita mal parece ter consciência de onde estão, uma sombra oculta pela metade o rosto de Sonia – é noite. Plano e contraplano entre o banco da frente e o banco de trás do carro enquanto Marco André fala com Rita: ela pergunta para onde estão indo, ele responde que a está levando para o hospital e ela diz que não pode ser presa por conta dos filhos, ao que ele diz que isso não vai acontecer. Sonia tenta tranquilizá-la. Rita perde a consciência e Sonia pede aflita que Marco André acelere, enquanto a câmera acompanha ligeiramente os solavancos do carro para cima e para baixo. Entra uma trilha de tensão em alto volume e corta.

A sexta cena ocorre no hospital, onde uma médica encaminha Rita para o centro cirúrgico. A câmera alterna entre planos laterais que mostram Rita deitada na maca do hospital e outros que mostram seu ponto de vista: as luzes do teto passando, a visão borrada de Sonia e Marco André que caminham ao seu lado. Uma voz ríspida, vinda de fora do quadro, pergunta o que aconteceu com ela e Marco André revela que ela havia tomado um abortivo. Com isso, a câmera passa a se centrar na ação que ocorre ao redor de Rita – pode-se talvez concluir que ela perdeu novamente a consciência –, no diálogo entre os professores e a médica, que em seguida pergunta a Paulo André se se trata de uma aluna sua. Enquanto se movimentam, a câmera está posicionada abaixo da altura de seus rostos, quase na perspectiva de Rita novamente. Um novo plano lateral, um close, a mostra deitada inconsciente. Uma leve trilha de tensão acompanha a cena. Quando a médica ordena que a levem para o centro cirúrgico, a câmera vai para trás de uma porta com uma espécie de janela retangular. A médica e uma enfermeira conduzem, agora sozinhas, a paciente na maca na direção da porta e a câmera as enquadra através da fresta retangular. Abrem a porta e entram. A câmera segue na mesma posição por um momento e enquadra Marco André de corpo inteiro ao fundo. Um corte e num primeiro plano Sonia vai em

direção a ele e o questiona, visivelmente irritada, sobre por que ele contou à médica sobre o abortivo. Ele então diz que a médica não causará nenhum problema porque é sua mãe. Sonia o encara surpresa e ele olha em direção à porta – na verdade para a câmera, antes do corte.

Na cena seguinte, Marco André e Sonia conversam no corredor do hospital enquanto esperam notícias de Rita. Dois policiais chegam perguntando por ela, explicando terem sido informados sobre o aborto provocado. Um pouco distante, posicionada atrás daquela mesma porta por onde levaram Rita, agora com uma de suas folhas aberta, a câmera enquadra os dois professores de corpo inteiro aguardando no corredor do hospital. Sonia está sentada, de lado em relação à câmera, e Marco André, em pé, anda de um lado para o outro impaciente. Sonia levanta e lhe oferece café, ele recusa.

Um corte o coloca em primeiro plano, ele segue andando. Ainda num primeiro plano, a câmera enquadra Sonia, que comenta ficar arrasada ao ver uma moça jovem correr risco de vida por ter feito um aborto por conta própria. O diálogo entre os dois procura encenar lados opostos do debate sobre o aborto e merece ser transcrito porque é o momento¹³ em que a questão é textualmente exposta no episódio, de forma bastante didática:

Sonia: Fico arrasada quando eu vejo isso. Uma menina tão nova correndo risco de vida porque fez um aborto por conta própria.

Marco André: Mas também podia ter evitado, né Sonia. Se ela tivesse decidido ter o filho.

Sonia: Marco André, você viu o que essa menina passou pra ter feito o que fez.

Marco André: Então você é a favor?

Sonia: A questão não é ser a favor ou ser contra. O aborto existe. Só que é gente como Rita que morre por falta de assistência médica.

Marco André: Sim, Sonia, mas a Rita realmente quase morreu na nossa frente.

O diálogo é interrompido pela chegada dos dois policiais. Enquadrados ainda em primeiro plano, se dá num clássico plano/contraplano. Eles dizem que a médica informou que Rita tomou medicamentos abortivos e que, quando ela sair, terá que ser levada para a delegacia. Marco André e Sonia se entreolham, sobe uma trilha de tensão e corta.

Na oitava cena, Sonia e Marco André ainda esperam aflitos no hospital e aparecem enquadrados num meio primeiro plano (da cintura para cima). A figura da médica aparece fora de foco, no fundo do quadro à esquerda, e os dois vão até ela, se distanciando da câmera. Um corte e os três são enquadrados num primeiro plano. Marco André discute com a mãe, pedindo satisfações. A médica então se justifica, secamente¹⁴:

Médica: Achou que eu fosse mentir? Não sou eu que faço as leis nesse país. No Brasil o aborto é crime e eu não posso acobertar.

¹³ Aos 20'50'' do episódio.

¹⁴ Aos 23'20'' do episódio.

Sonia: A senhora acha que ela queria fazer isso? Ela não teve escolha.

Médica: Todo mundo tem escolha.

Marco André: Mãe, a Rita já tem três filhos e não tem a mínima condição de ter outro.

Médica: Marco André, se a tua mãe biológica tivesse te abortado você não estaria aqui.

Marco André: Não tô acreditando que você está falando isso, meu, pelo amor de Deus.

Sonia: Seu filho teve a sorte de ter achado uma família que o acolheu, mas nem todas as histórias acabam bem não.

Uma enfermeira interrompe a conversa, dizendo que estão precisando da médica porque a paciente está com uma hemorragia. Elas saem e os dois professores novamente se entreolham, com aparência angustiada. Entra uma trilha dramática. Interessante notar a mudança de posicionamento de Marco André, que se indigna com a denúncia à polícia e passa a defender Rita diante da mãe.

Na nona cena, a médica dá aos professores a notícia de que Rita morreu. A cena está menos iluminada do que as anteriores, banhadas com a luz branca do hospital. A câmera se move num semicírculo, enquadrando-os de perfil e mostrando o corredor à esquerda, de onde a médica vem caminhando. Marco André e Sonia se levantam, ficando de costas para a câmera, que enquadra a médica de frente, num primeiro plano. Ela diz “Eu sinto muito meu filho” e um contraplano mostra a expressão dos professores ao ouvirem que Rita não sobreviveu. Um corte e a câmera está atrás deles, enquadrando-os num meio primeiro plano ao se virarem reagindo à notícia: Sonia passa a mão nos cabelos e se senta novamente, Marco André ficou fora de quadro. A câmera então o mostra de perfil, a mãe o abraça e diz que ele não pode se envolver com a vida dos alunos dessa maneira. Ele diz que foi dar aula nessa escola para isso, ao que ela responde que sabe que foi para se aproximar da mãe biológica. Ele afirma que ela está enganada. Sonia se aproxima e diz que eles precisam ligar para a escola e avisar a família.

O fato de Rita não ser mostrada dentro do centro cirúrgico nem sair mais dele denota uma escolha de não retratar o aborto de forma mais gráfica e sanguinolenta. Por outro lado, esse aparente cuidado pode estar ligado à reticência coletiva em inscrever o aborto e o feto abortado em um registro simbólico (BOLTANSKI, 2012, p. 216), ao chamado déficit de representação do aborto, mesmo quando se deseja narrá-lo. Com isso, o efeito dramático da cena se dá muito mais pelo choque da morte da personagem do que pela representação imagética do que ocorre com seu corpo.

É oportuno questionar o que significa essa morte: seria uma punição ou o destino “inevitável” de uma mulher pobre que escolheu interromper uma gravidez no contexto brasileiro? Quais são seus efeitos no espectador: ela choca, comove, impacta suas convicções a respeito do tema?

Na sequência seguinte, já na rua, Marco André e Sonia conversam sobre a perda da aluna e se beijam. Sentados dentro do carro estacionado, eles são enquadrados de maneira levemente oblíqua pela câmera colocada do lado de fora do vidro dianteiro. Está de noite, seus rostos estão na penumbra, aparentemente iluminados pela luz da rua. Ele sai do carro a pretexto de tomar ar. A câmera o acompanha por um momento até um corte a levar para Sonia, que também sai do carro. Um plano de conjunto mostra os dois fora do carro, um corte os enquadra em primeiro plano, agora bem próximos, de frente um para o outro. Entra uma trilha dramática Marco André diz que nunca havia perdido uma aluna desse jeito e lamenta não tê-la trazido antes para o hospital. Sonia diz que eles fizeram o que podiam. Segue o diálogo¹⁵:

Marco André: Será, Sonia?

Sonia: Se ela tivesse alguma chance, ela teria sobrevivido.

Marco André: Como é que você pode afirmar isso? Como é que a gente pode afirmar isso?

A frase da professora soa sentenciosa, parece dar a entender que “é assim mesmo”.

Marco André começa a chorar. Ele se vira para o lado, dá alguns passos até o carro e se apóia nele. Em primeiro plano, Sonia fica fora de foco. A câmera apresenta um leve movimento como se estivesse na mão. Um corte e ela se vira para ele, o vê chorando e vai em sua direção para consolá-lo. Segura-o pelos ombros, com o rosto muito próximo ao do colega. Com a câmera num primeiro plano, enquadrando-os de perfil, eles se beijam, as luzes da cidade desfocadas ao fundo e a trilha dramática se intensifica.

O romance parece se sobrepor, suavizar a gravidade da temática do aborto. A morte de Rita já ficou para trás. Mais do que isso, sua morte é usada como “plot device” para aproximar os professores, cujo envolvimento amoroso continuará a se desdobrar em episódios seguintes, enquanto Rita não é mais mencionada. Em geral, é esta a engrenagem da série, que aborda a cada episódio alguns dos dramas individuais dos alunos da escola. Mas, diferente do aborto e da morte de Rita, há outros arcos cujas repercussões aparecem nos episódios seguintes (como o caso do assassinato de um aluno chamado Maicon, que no desespero de sustentar sua família entra na escola armado para assaltar os colegas).

Na cena seguinte, outras duas professoras da escola, Lucia e Eliete, conversam sobre o que aconteceu com Rita. Um plano geral situa o espectador de volta na escola, já no fim do turno da noite. O som da conversa entre as duas professoras entra um pouco antes que a câmera se feche nelas. Num meio primeiro plano frontal, elas aparecem caminhando lado a lado, saindo do edifício da escola para um pátio amplo. Eliete diz que Rita morava na mesma comunidade

¹⁵ Aos 31’24’’ do episódio.

que ela, tinha três filhos e se esforçava para frequentar a escola. Uma aluna vem correndo, chamando, de trás delas. Ela traz a mochila de Rita que havia ficado na sala e demonstra não saber que a colega morreu. Eliete diz que irá levar a mochila e falar com a família pessoalmente. Ela sai de cena e o último plano foca brevemente o rosto de Lucia sozinha no pátio.

Na sequência final, Eliete vai até a casa de Rita dar a notícia da morte ao marido. Em um tilt (movimento de câmera vertical e lento) que vai do céu até uma rua da comunidade, a câmera enquadra Eliete subindo a pé, à noite. Um corte e ela dobra uma esquina, entrando por uma viela, enquadrada de frente e de costas alternadamente. Ela segue andando, com uma leve trilha dramática tocando, até chegar ao portão de uma casa. Enquadrada de perfil, em um primeiro plano, ela bate palma. A câmera faz um movimento em direção ao solo para enquadrar uma menina pequena que sai de dentro da casa, sorridente, vestindo um pijama. Eliete pergunta se seu pai está em casa e a menina entra para chamá-lo. A professora dá um passo para dentro do portão e logo o homem sai, lhe dá boa noite. Ela diz que é professora de Rita e discretamente entrega a ele a mochila da aluna, dizendo precisar falar com ele. Uma outra criança mais velha sai da casa e se aproxima, o pai pede que ele entre novamente para que ele possa conversar e o menino obedece. Eliete encara o marido de Rita com um olhar cheio de significado. A conversa entre os dois não é mostrada. Há um corte e é o fim da história de Rita. Não se exhibe o funeral da personagem ou o anúncio de sua morte aos colegas de escola. A série encerra o episódio com outros personagens e tramas paralelas.

APÊNDICE 3 — TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: TRECHOS SELECIONADOS

ENTREVISTADA A

PERFIL - mulher da faixa etária 20-35 anos, negra, classe D

Pesquisadora: Você vê a situação dessa personagem como uma coisa que é comum no Brasil? Você acha que existe diferença entre diferentes classes de mulheres, diferentes raças?

Entrevistada: Com toda certeza, né? Porque, por mais que a gente fale, generalize, que é um tabu para todas, mas a realidade de cada uma vai dizer como aquilo ali vai ser tratado ou não, né? E para você ver que a enfermeira fala para ela que ela deveria usar anticoncepcional e ela diz que não pode porque tem trombose e tal e aí você vai entender que **mulheres de outras classes vão conseguir ter outras alternativas**, vai ter um tratamento melhor, **vai ter o acesso a um tratamento de qualidade e ela por ser por ser uma mulher pobre, como dá para perceber, ela não tem acesso a isso, não tem acesso a informações. E tudo isso é vigente, tudo isso é que vai determinar o que vai acontecer.**

P: Qual é a sua opinião sobre o posicionamento dessa médica que comunica a polícia? Você acha que ela está correta? Por quê?

E: Eu **acredito que não**, levando em consideração o estado que ela chegou no hospital. **Eles se preocupam mais em por que o ato que ela cometeu foi um crime do que a vida dela que estava correndo risco. É um pouco surreal de entender**, para poder entender isso. Porque **a pessoa é tratada como criminosa** por esse motivo. **É algo que eu completamente... eu não consigo entender.**

E eu acho interessante também da série como ele coloca os dois lados, os dois pontos. Eu até tava anotando aqui pra não perder a linha do pensamento **o que a médica fala: 'E se a sua mãe biológica tivesse te abortado?'**, ela fala para o filho. Que **é um grande problema que a gente encontra nas discussões sobre esse assunto, levar para o lado hipotético**, mas "e se você fosse abortado", é sempre assim quando alguém vai discutir sobre isso. **E o problema não é esse, aborto é algo que acontece, mulheres morrem por isso e as pessoas querem justificar com pensamentos hipotéticos e ignoram a realidade, ignoram o que está acontecendo realmente** e se prendem a pensamentos, coisas que não aconteceram. Não faz muito sentido.

P: Tem algum personagem na discussão cujo posicionamento você se identifique mais?

E: **Acredito que a professora que estava ajudando ela.**

P: **Como você se sentiu com a morte da personagem?**

E: **Por mais que seja curto, são poucos minutos que a gente tem contato com a personagem em si, mas a gente se sente tocado pela história dela e aí querendo ou não tem essa coisa da gente torcer pelo personagem e quando acontece esse tipo de coisa a gente fica abalado. E pensar ainda que essa é a realidade milhões de mulheres no Brasil.** Infelizmente é o que acontece, então **é algo pesado.**

P: Que final alternativo você gostaria de dar para essa personagem?

E: **Que ela ficasse bem, né, que eles conseguissem salvar a vida dela, mas ainda tem um problema judicial**, os policiais, ainda tem esse caso. Mas, **que a vida dela fosse preservada.**

P: E na sua visão, pelas cenas que você assistiu, a série tem um posicionamento claro em relação ao aborto? Qual que você diria que é esse posicionamento?

E: Eu acho que **para além do posicionamento da série, ela se preocupa em trazer essa discussão. Ela incentiva que as pessoas falem sobre isso, independente do que as pessoas vão achar**, entendeu? Tanto o que for a favor ou o que não seja a favor, o importante é trazer essa discussão. Porque **infelizmente ainda é algo velado, algo que as pessoas não querem discutir** e ao mesmo tempo que as pessoas não querem discutir, é algo diário que acontece sempre. Então eu acho que a série se preocupa em trazer essa discussão, que as pessoas pensem e reflitam. **As pessoas que são contra, vendo essa cena, entendendo um pouco mais o que levou ela a fazer isso, entendeu? Porque muitas pessoas acham que é algo, assim, por descaso**, por mera vaidade. As pessoas têm vários pensamentos, sabe. E eu acho que trazer isso, a realidade dela, o motivo que ela não poderia ter [mais um filho]. **Tudo isso faz com que as pessoas reflitam e pensem um pouco, vejam o outro lado.** Eu acho que a série traz isso, ela traz o assunto para ser discutido pelas pessoas independente dos seus posicionamentos. Mas eu acredito que ela vai mostrar como isso é um problema social brasileiro e como é algo que devemos nos preocupar, **as pessoas às vezes não pensam porque não faz parte da realidade [delas].**

E aí eu acho que a série vai trazer mais para esse lado de... Estou pensando se ela é ou não [a favor]. Mas **eu acredito que ela tende mais ao lado de ser a favor do aborto.**

P: Você acha que o tratamento que a série dá para essa questão do aborto é adequado e sensível?

E: Eu acho que sim. A forma como eles trataram eu acho que foi de bom tom. Não teve **nada muito explícito**, que pode ser visto de forma negativa, e eles tiveram importância de mostrar a personagem para além daquele assunto que estavam tratando, sabe? Ela não era só mais uma, digamos assim, vítima. Mas ela era uma pessoa que tinha filhos, entendeu. Eu **achei isso bastante importante. Dar um nome, dar um rosto àquela pessoa.** Porque às vezes as pessoas têm dificuldade disso, quando a gente coloca números lá: 'Tal, tal, **mil e poucas mulheres morrem por ano e tal**', e **as pessoas têm dificuldade de ter empatia com isso. E quando a gente coloca o rosto, quando tem uma história ali as pessoas vão conseguir se identificar, porque todo mundo conhece alguém que tá numa situação financeira que não é muito boa, todo mundo conhece alguém que tem filhos, e não tem emprego** e tal. Então tudo isso eu acho que **ajuda um pouco as pessoas a se colocarem no lugar, a entenderem um pouco os motivos que levam uma pessoa a precisar disso.**

P: E essa construção assim da empatia pela personagem, como você tá falando, você acha que ela parece em quais momentos? Por que você sentiu que ela não é só um número?

E: A forma como os professores também trataram dela, se preocuparam em entender o que estava acontecendo ali. E também essa cena final, por mais que foi cortada assim, passou um pouco da casa dela, do marido, dos filhos. Eu acho que isso é bastante importante.

P: Você é contra ou a favor do aborto?

E: Eu sou a favor.

P: Você quer justificar ou só a favor e ponto final?

E: Muitas vezes, quando surge esse assunto, as pessoas focam mais na morte de um feto, sabe? O assunto parece que gira em torno disso, mas eu acredito que não seja só isso. Falar sobre aborto não é só falar sobre a morte, e sim a vida. Porque muitas pessoas colocam sua vida em risco por conta disso, muitas mulheres morrem por causa disso, então o ponto principal é isso, preservar vidas, como eu falei, quando ela chega no hospital naquele estado, a médica se preocupa em ligar para a polícia para poder notificar, então foi mais importante para ela o crime, entre outras, que ela cometeu do que a vida dela.

É isso que eu acho que pesa um pouco na discussão. Porque as pessoas param de pensar que milhões de mulheres estão morrendo por isso e pensam na vida de um feto. Então eu acredito que a discussão do aborto tem mais a ver com a vida do que com a morte. E eu sou a favor por isso, porque a gente vê casos como esse são comuns e as pessoas levam muito em consideração de não falar sobre esse assunto como se não existisse, sendo que aborto é algo que existe, **pessoas de classes mais altas fazem procedimentos em clínicas, tem toda uma assistência.** Então não é algo que não vai deixar de existir porque as pessoas vão deixar de falar ou porque vai proibir. Não tem isso, não existe isso. É algo que acontece e vai continuar acontecendo, mulheres pobres sem estrutura, sem acessibilidade a serviços de qualidade vão continuar morrendo, enquanto as outras classes que terão acesso, irão continuar fazendo. É algo que não vai parar porque é proibido, entendeu? Então eu acredito que a legalização iria focar nesse ponto, de saúde pública e qualidade de vida para essas pessoas.

P: E a discussão é sobre aborto da forma como ela aparece ali na série fez você encarar essa questão por um ângulo diferente? Ou reforçou o que você já pensava antes?

E: Reforçou totalmente.

P: Você lembra de ter visto outras representações, outras tramas sobre aborto na televisão?

E: Na televisão brasileira eu acho que esse foi o único que pelo menos eu vi. Já tinha visto outras coisas, mas não nacionais.

P: Qual você acha que é o significado da morte da personagem? O que representa o fato dela não sair mais daquele centro cirúrgico?

E: A realidade, né? Como você falou, que se eu pudesse dar um final diferente qual seria, seria um final melhor para ela, mas infelizmente não é isso que acontece com várias mulheres. E eles tiveram essa preocupação de mostrar isso porque poderia dar tudo certo e ela ficar bem, mas não é isso que acontece. Isso me faz pensar que, realmente, eles tendem mais para o lado de legalizar, porque eles vão mostrar a parte mais dura possível para as pessoas poderem refletir sobre isso.

Também seria interessante se eles tivessem colocado, o outro parâmetro, o outro lado da história, sabe? Tipo uma professora que também passou pela mesma situação mas que ela teve acesso a clínica e tal e aconteceu tudo bem, sabe? Se fosse assim, com os dois lados, seria interessante.

ENTREVISTADA B

PERFIL - mulher jovem (18-30), branca, classe A

P: Quando o episódio apresenta a personagem da Rita, com os filhos, provavelmente no SUS tentando fazer o procedimento de ligadura de trompas, como você se relacionou com a personagem? Qual foi seu sentimento por ela?

E: Acho que, não sei se é a palavra exata, mas de **compaixão**, de, poxa, ninguém está ajudando ela que claramente tem uma dificuldade. Ela é evidentemente nova e tem três filhos, então ela está evidentemente preocupada, transtornada, querendo achar uma solução e **ninguém faz nada por ela, a mulher ainda fala na cara dela, 'não tenho tempo para isso, você deveria usar preservativo'**. Enfim, então acho que foi meio um sentimento de, **gostaria de poder ajudar ela naquele momento**.

P: E como você enxerga a situação dessa personagem em relação à realidade brasileira? Você diria que é comum, que existe diferença em relação à classe das pessoas que passam por isso?

E: Bom, **eu nunca conheci ninguém nessa situação** nem na minha classe nem em alguma outra, **mas eu sei que é a realidade do Brasil**, que por não ser legalizado é o que acontece. A professora até fala num certo momento, é isso que acontece com a maioria das pessoas, passam risco de morrer, acabam morrendo porque não é legalizado, então fazem de uma forma inapropriada. Então eu sei que é a realidade do Brasil, **principalmente nas classes mais baixas**. Nunca conheci, não sei muito bem, mas **imagino que as pessoas de classe mais altas ou tem condições de numa clínica ilegal ou tem até condições de enfim ir para fora do país, para um país em que seja legalizado e consiga fazer de alguma forma**. Então **certamente essa realidade é dura para as classes mais**

baixas. Óbvio que mesmo para as classes mais altas seria muito melhor se fosse legalizado. Mas com certeza, tem um leque muito maior de como fazer esse procedimento do que as classes mais baixas.

P: Você mencionou uma das falas da personagem da professora. Nesse diálogo entre os dois professores e depois envolvendo a médica também, com qual posicionamento você diria que você tende a concordar mais, se identificar mais?

E: Com o da professora mulher.

P: Por quê?

E: **Eu já fui uma pessoa muito mais ignorante** assim, quando eu tinha sei lá, 14 anos. Eu **falava que eu era contra o aborto**, tipo, ai nossa, como a gente vai tirar uma criança que já tá ali etc. Mas graças a Deus eu **tive uma escola muito boa que abordava temas como esse, por mais que fosse uma escola de elite paulistana**, eram professores muito bem instruídos, eles traziam esses temas e a gente discutia em sala de aula. E **ao estudar o tema, eu não consigo ter outra opinião a não ser a da professora**, justamente por isso. O aborto acontece de qualquer forma, a diferença é que uma vez que ele não é legalizado, ele acontece de maneira muito inapropriada. Então eu acho que é isso, as pessoas que são contra o aborto, à legalização do aborto, elas meio que justificam nessa de que enquanto não for legalizado, as pessoas não vão fazer. Só que não é isso, a realidade é que as pessoas fazem, só que por não ser legalizado as condições são horríveis. Então eu **concordo mais com a professora por conta disso, eu acho que existem n fatores para uma mulher não ter condições de ter um filho naquele momento, ou não querer ter um filho naquele momento e em nenhum outro. Principalmente nessa situação da série, é muito claro assim que ela já é uma pessoa de renda muito baixa, já é muito nova, tem três filhos para criar**, ela já sente muito incomodada nessa situação. **Ter mais um filho seria literalmente acabar com a vida dela.** Então essa é a minha opinião.

P: O seu contato com essa discussão, como você mencionou, foi mais através da escola? Teve outras coisas que foram formando a sua opinião em relação a isso?

E: Eu acho que foi bastante na escola, conversando com a minha irmã também, com os meus pais também já conversei sobre isso várias vezes. A opinião deles nunca foi muito clara, então acho que **veio mais de debates com os meus amigos mesmo, com professores. Eu tinha tudo para ter uma opinião diferente, porque eu sou super religiosa, frequento a igreja** e na igreja falam o contrário, né? Teve algum dia que algum julgamento sobre a legalização do aborto e aí lembro que **o padre falou no final da missa: vamos rezar para isso não ser permitido. E eu saí chorando**, porque eu falava pra minha mãe, eu **fico muito triste porque eu me identifico com a religião, mas eu não me identifico com esse tipo de opinião.** Rezar para não legalizar o aborto vai muito contra os meus valores, sabe? Então eu entro até num impasse ideológico digamos, porque **eu sou religiosa, eu gosto da minha religião, mas eu não acho que a religião é sobre isso**, entendeu? Eu **tinha tudo para não ter essa opinião, mas acho que ainda bem que eu tenho.**

P: E você frequenta a igreja católica ou outra igreja?

E: A católica.

P: Num certo momento, a médica diz que todo mundo tem escolha. Como você vê essa afirmação? O que você pensa sobre essa ideia da escolha em uma situação como essa?

E: Eu achei a fala dela meio infeliz porque na perspectiva da Rita, da personagem, ela não tinha escolha. Para ela, não existia outra opção a não ser essa. E uma vez que não é legalizado e uma vez que ela é uma pessoa de classe mais baixa, literalmente a única escolha que ela tinha era essa. Acho que é muito fácil para uma médica branca e provavelmente de classe mais alta falar que sempre tem escolha, porque não tem. Eu sei também que tem método anticoncepcional, preservativo, mas acho que a gente também tem que levar em consideração que uma pessoa de classe mais baixa não necessariamente tem a educação necessária para, enfim, ter esse conhecimento sobre anticoncepcional e preservativo que a gente tem. E também, tem várias situações, a gente não sabe como é o parceiro sexual da pessoa. Tipo, às vezes é uma questão dele não colocar o preservativo etc, então enfim. Para ela é muito fácil na posição que ela estava dizer que a pessoa tem escolha. Para mim, na minha opinião, não teve e infelizmente mesmo o aborto sendo a única opção para ela, ela não tem a opção de fazer ele de uma forma decente.

P: Ainda falando sobre o papel da médica no episódio, como você vê a denúncia que ela pela questão do aborto? Ela estava correta em fazer isso?

E: Eu pensei sobre isso na hora também e eu não sei se tenho uma resposta, porque por mais que eu tenha ficado brava, porque não queria que ela fosse presa porque claramente ela só é considerada criminosa porque não é legalizado. Mas eu me coloquei no lugar da médica entre mil aspas porque enfim, eu também sou uma pessoa muito correta, assim sabe de seguir regras. A médica não deixou tão explícito se ela é a favor ou contra, mas deixou mais explícito que ela talvez seja contra por falar da questão de que ela tinha escolha. Mas talvez mesmo que ela fosse a favor, ela não queria colocar o dela na reta, né? Então não sei, eu fiquei meio nesse impasse. Eu não sei se tem uma uma resposta muito clara pela questão de que uma vez que não é legalizado não vou [como médica] querer me complicar também.

P: Queria entrar um pouco na questão da morte da personagem. Como você se sentiu com esse desfecho? O que isso provocou em você?

E: Eu nem pensei nessa possibilidade, eu achei que ela ia chegar no hospital, que ia ter uma reviravolta, enfim. Ainda mais por ser série, normalmente tem o clímax pra chegar no final na maioria das vezes positivo. Então eu não estava esperando, acho que foi muito repentino, ainda mais porque tem os cortes, o episódio deve ser maior. Mas eu acho que apesar de muito triste, tem meio esse sentimento de que é mais comum do que parece, sabe? Quando deu a notícia que ela faleceu eu falei, nossa que merda, mas eu sei que é a realidade, entendeu? Então acho que foi meio essa sensação de 'eu sei que era provável que acontecesse'. É muito triste, é a situação que acontece no Brasil assim. Eu nem sei em questão de números mas imagino que seja muito alto. Enquanto for dessa forma inapropriada, eu acredito que seja a grande maioria que aconteça isso. Então acho que minha sensação foi: gostaria que tivesse sido diferente, estava super esperançosa, mas no fim a chance de isso acontecer é muito alta.

P: E como você vê o significado dessa morte no contexto da série? O que que você acha que ela representa?

E: Acredito que **uma crítica, ou no mínimo uma tentativa de escancarar a realidade**. Acho que a gente não tem nem contato, principalmente eu, **no mundo que eu vivo, no meio social que eu vivo, não tenho contato com esse tipo de situação**. Então eu acho que **exibir isso numa série, da Globo, que tem uma proporção muito grande em questão de espectadores é com certeza uma forma de crítica, uma forma de mostrar**. Na minha visão foi uma tentativa deles de se **posicionar ou no mínimo, mesmo que não seja essa opinião, mostrar que é a realidade**. Acho que **por mais que a morte tenha sido muito triste, que pudesse ter tido um final feliz, a intenção foi justamente mostrar o que acontece na realidade**.

P: E pensando nessa possibilidade de um outro final, que final alternativo você gostaria de construir para essa personagem?

E: Ah, certamente que ela **tivesse sobrevivido** à cirurgia, que posteriormente ela **conseguisse fazer o procedimento que ela queria** para não engravidar mais, que ela **conseguisse estudar**, e conseguir enfim, **um trabalho e cuidar dos filhos** dela. **Acho que era isso que ela queria, né?** Mas ela não conseguiu.

P: Você acha que a série tem um posicionamento claro em relação ao aborto e, se sim, qual é esse posicionamento?

E: Tenho uma certa dúvida de se ela está se posicionando ou não, mas eu **acho que mostrar a realidade e colocar a personagens com falas como a da professora é sim um certo posicionamento**. Até porque são falas muito claras de quem é a favor da legalização, de que enfim, ela não teve escolha, essa é a realidade dela. Enfim, todos os motivos para ela ter feito isso. É o que eu falei, eu **não sei exatamente se é um posicionamento muito claro ou se é apenas tentar exibir a realidade**, mas a meu ver, uma vez que você exibe a realidade, coloca os posicionamentos como da professora, **está se posicionando de certa forma**. Então eu acho que foi uma certa crítica assim ao aborto não ser legalizado.

P: Você sabe me dizer o que que te deixou meio em dúvida, quando você diz que não sabe se a série está se posicionando claramente ou não?

E: Porque também tem o personagem do professor, que questiona, tem a médica, então **tem outros posicionamentos a respeito do assunto** ali presentes. E é o que eu falei, eu acho que tem essa minha dúvida por ser a realidade. **A minha dúvida é, eles só estão querendo ser fiéis à realidade ou estão querendo se posicionar? Mas acho que mostrar a realidade já diz muito** porque muita gente nem sabe qual é essa é a realidade, entendeu? **Escancarar essa realidade que muitas vezes não é falada é um posicionamento**.

P: E você acha que a série tem um tratamento desse tema que é adequado, sensível?

E: Eu acho que a parte sensível assim do tema **talvez seja justamente a professora**, que meio que se coloca no lugar dela ali, que se preocupa desde o primeiro segundo, que enfim, se coloca meio se coloca em defesa dela, mesmo com o professor. **Mas também é tudo muito rápido, não sei, mesmo essa conversa da professora com o professor é meio superficial.** Ele fala 'então, você é a favor?' e ela só responde 'não é sobre ser a favor ou contra, a vida dela tá em jogo'. Acho que **eu gostei da forma que foi retratado porque acho que foi próxima da realidade, mas acho que talvez poderia ter sido um pouco mais, não sei se educativa, mas justamente por ser um tema que é muito tabu e não é todo mundo que conhece a realidade**, são diferentes classes que vão assistir, **talvez precisasse mais detalhado, desenrolar mais.**

P: E você lembra de ter visto outras tramas sobre aborto na televisão? Teve alguma coisa nesse sentido que te marcou?

E: Pior que não vem nada na memória. Eu falo que sou muito ruim de memória, porque eu já vi um milhão de novelas na vida, mas aí quando minhas amigas falam lembra daquela novela, eu falo gente, não lembro.

P: A gente falou um do posicionamento da série e queria falar um pouco do seu que, acho que você já deixou claro que você é a favor da descriminalização do aborto.

E: Sim.

P: E você se considera feminista?

E: Sim.

P: A discussão presente na série fez você encarar essa questão por um ângulo diferente ou mais reforçou o que você já pensava antes?

E: Só reforçou o que eu já pensava.

ENTREVISTADA C

PERFIL - mulher da faixa etária 20-35 anos, branca, classe E

P: Quando o episódio apresenta a personagem da Rita no SUS, com os filhos, tentando fazer o procedimento, o que você sentiu, qual que foi o seu primeiro pensamento por ela?

E: Que **já é o início da desproteção** mesmo né assim, **a falta do acesso** muitas vezes **à saúde** ou então mesmo que ela esteja ali naquele desespero de que já está guardando ali, **significa que ela já foi procurar para fazer a laqueadura e o quanto isso a gente depende muito das escolhas dos outros, nunca é fácil para as mulheres**, para conseguir esse acesso é muito difícil, então **já começa aí né, o questionamento sobre os métodos contraceptivos**, como se fosse somente a questão, né? Que a gente sabe que por mais que, claro, precisa disso ,precisa ser falado disso, de uma orientação e tudo, mas não é só isso. Uma mulher com três filhos já, por mais que seja jovem, mas que já tá procurando um acesso, é coisa que é muito difícil, que **a gente sabe que existe uma dificuldade**

muito grande para que as mulheres consigam decidir por fazer a laqueadura, vários procedimentos aí para que consiga. E aí quanto mais jovem pior, o questionamento se ainda quer ter mais filhos. Então assim, são vários questionamentos para você conseguir ter acesso a um direito, que seria uma questão de escolha.

P: Você vê essa situação em que o episódio coloca essa personagem como uma situação comum para as brasileiras? Existem diferenças para mulheres de diferentes classes sociais?

E: Com certeza existem. É uma realidade que eu imagino **muito comum para mulheres pobres, principalmente aí para mulheres negras. A questão da renda é claro que influencia demais,** então quanto mais você depende de um serviço público, mais desprotegido você está. O acesso ao aborto inclusive, a gente sabe que também existe uma condição aí de renda. Porque **isso acontece todos os dias,** são situações que realmente são comuns, não é uma coisa que é rara. São situações comuns e a gente sabe quem sofre mais por conta disso, que são mulheres pobres.

P: Um pouco mais adiante, quando eles já estão no hospital e tem uma discussão entre os professores a respeito da decisão dela, em que cada um se coloca de uma forma, com quem ou com qual posicionamento você diria que se identificou mais.?

E: **Da professora, uma pela questão de já entender todo o contexto,** outra pela questão da exposição, no caso **ele expor diretamente já para a equipe médica.** Eu acho que isso já mostra também, por mais que seja uma pessoa da família, você entender que o funcionamento ali dentro do hospital vai acontecer de uma maneira muito mais prejudicial do que para acolher. **Ele mesmo menciona que isso é uma escolha e na verdade não é, nós não temos escolha, a mulher não tem escolha.** Então por mais que existam questões aí anteriores a isso, que pode ter a ver com a questão de métodos contraceptivos, pode ter a ver com a questão da escolha de escolher fazer um aborto ou não, mas aí assim **se a gente pudesse realmente, de fato, escolher o final dela não seria esse,** se existisse uma proteção.

P: Essa questão da escolha que você tocou é um ponto que eu tenho tentado conversar nas entrevistas, porque a médica depois fala sobre isso, ela fala que todo mundo tem escolha. Como é que você vê essa ideia?

E: Que **não é uma questão de escolha. Porque se ela pudesse escolher, o que ela teria escolhido estaria bem antes de engravidar.** E aí de justamente poder não passar por essa situação, né? Não precisaria ter chegado a essa situação e por exemplo engravidar sem o desejo de engravidar. E aí a questão da escolha, escolher pelo aborto, dizer ah é uma escolha **como se fosse uma coisa fácil. É** claro que existe todo o sofrimento da mulher em torno disso, nunca vai ser uma decisão fácil, e aí quando você vê que **a mulher tá sem suporte, sem acesso à saúde, a outras políticas.** E aí pensando numa situação do aborto poder ser uma escolha, **se pudesse ser uma escolha.** E aí pensar que **as mulheres poderiam ter um suporte psicológico, assistencial e tudo mais, seria muito mais importante,** né? **Porque já é um sofrimento ter que escolher fazer um aborto numa condição dessa,** em que é nem proibido, clandestino, já é um sofrimento. E a série traz essa questão de ela já ter três filhos, provavelmente uma condição de renda difícil. **Só a questão da pessoa estar ali numa escola, num ensino que já é um ensino médio para pessoas que já são adultas** e tudo, até essa dificuldade **você já vê que já tem coisas muito anteriores,** né? O acesso à educação,

inclusive. **São várias dificuldades e tudo isso é um caminho de desproteção, né? Cada ponto da vida dela** que era mencionado, tudo **faz parte da desproteção do Estado** mesmo.

P: Na sua opinião essa decisão da médica de denunciar, de comunicar às autoridades que aquela mulher estava fazendo um aborto provocado, foi correta ou não? Por quê?

E: Eu **não vejo como correto**, inclusive a pessoa que levou, no caso o professor, eu **acho que já começa aí o erro de falar, que é você falar pelo outro**, uma coisa que é um problema **da mulher que tá ali numa situação de sofrimento e que não deveria ser exposta** nessa situação. **Nem por um conhecido** e na minha visão **nem pela equipe médica, mas a gente sabe que isso é uma coisa que acontece muito**, justamente pela questão ilegal da situação. Então eu vejo como errado. E aí trazendo pro meu espaço de trabalho, uma coisa que caísse na minha mão, **não é uma coisa que eu faria**. Nem de expor para a equipe e nem de levar isso adiante. A pessoa **está ali para um acesso à saúde em uma situação de emergência**. O que ela fez e **se ela quer falar o que é isso ou não**, aí **a escolha deveria ser dela**, sair da boca dela, e não de uma pessoa que tá levando ela ali para aquele atendimento.

P: Como você se sentiu com a morte dessa personagem, quando eles dão a notícia?

E: Toda a cena é muito triste, muito pesada mesmo de assistir. **A gente vê o quanto retrata a realidade**. Infelizmente isso acontece muito, acredito que muitas mulheres não conseguem nem chegar a ter um socorro, não dá nem tempo disso. Não tem a oportunidade mesmo de às vezes tentar um atendimento e reverter a situação. Muito triste porque **vê o quanto isso é real. Isso faz infelizmente parte da realidade mesmo**. Quantas mulheres morrem por fazer os abortos, por não ter esse acesso de uma maneira legal e dentro da saúde, com proteção, com cuidados. E aí o **quanto isso gera também outras desproteções, o pós aí que elas deixam os filhos, três crianças pequenas. Não acaba aí**. E aí vão continuar outras pessoas desprotegidas em consequência disso.

P: Que final você gostaria de dar para essa personagem, se pudesse escolher um final diferente para essa história?

E: O acesso mesmo à saúde de qualidade, que a **questão do aborto fosse vista, repensada como uma questão de saúde pública**, como uma possibilidade de escolha para as mulheres. Se ela pudesse lá no primeiro atendimento, a hora que ela chega na atenção básica, conversar sobre isso, ter um acesso diferente, já que ela não deseja a gestação, ainda antes de engravidar. **Poderiam existir outras possibilidades se isso fosse tratado de uma maneira diferente, sem morte, sem esse sofrimento**.

P: E como você vê no contexto do episódio o significado da morte dessa personagem? O que ele representa naquela situação?

E: **De uma maneira geral representa uma coisa que que ocorre todos os dias e que não é vista, não é pensada, as pessoas evitam falar, evitam pensar políticas quanto a isso. evitam pela questão religiosa, evitam por diversas questões**. Então **acho que é como se fosse, não sei, uma coisa assim que não é não é vista, não é falada**, apesar de ver em alguns momentos ali os

professores, o sentimento talvez que possa gerar ali, mas que é muito comum e sem muita importância.

P: E na sua visão a série tem um posicionamento claro em relação à questão do aborto. Se sim, qual seria?

E: Eu acho que talvez não tão claro, eu acho que retrata a realidade. Justamente acho que falar sobre a questão do aborto, como ele é visto, a questão do preconceito, da questão das escolhas interiores, como se escolher a gestação ou não fosse uma coisa simples, o acesso à saúde. Acho que retrata sim muito da realidade e acho que **é realmente uma série que tem um posicionamento mais crítico assim sobre diversas questões da sociedade** mesmo, mas **acho que poderia ainda talvez ser falado mais em relação ao se pensar o aborto como uma questão legal mesmo.**

P: E pensando ainda na forma como o episódio aborda essa questão, acha que isso é feito de uma maneira adequada, sensível?

E: São cenas fortes, que **para quem não tenha muito conhecimento sobre a situação, talvez seja uma coisa que possa chocar** mesmo, **talvez fazer de alguma forma refletir.** Mas acho que falta realmente talvez **abordar um outro lado ainda sobre a questão da legalização.** Acho que **trata de uma forma mais dramática** e acho que isso **é importante porque você vê o sofrimento daquela mulher,** da situação. Mas talvez falte **uma reflexão mesmo sobre a questão do direito.**

P: Em relação ao seu posicionamento pessoal, queria que você respondesse se você é contra o a favor do aborto e se você se considera feminista.

E: Sim, **me considero feminista e sou a favor da legalização do aborto. Vejo isso dentro do meu trabalho no sentido do aborto legal,** em situações específicas garantidas por lei, que quando você acompanha você já vê que existe, claro, sofrimento além da questão da violência, por exemplo, que são a maioria dos casos, além do sofrimento da violência o sofrimento da questão da gestação, de ter que partir para essa situação do aborto. Eu **vejo como uma discussão que é muito importante, justamente porque acontece todos os dias, porque mulheres morrem todos os dias,** desprotegidas por várias questões que a gente vivencia por ser mulher, escolhas que não estão nas nossas mãos, muitas vezes você depende do marido para autorizar a fazer a laqueadura, para pensar no planejamento familiar **Realmente, resumidamente, nós não temos escolha de nada. Na verdade isso não é uma escolha pra nós.** Então acho que **é uma discussão muito importante e muito necessária** assim **pra que a gente consiga avançar mesmo em relação a direitos, a pensar o aborto como uma política pública de saúde, porque as mulheres precisam ter acesso a isso.**

P: E a discussão que a série traz, da forma que traz, fez você encarar essa questão por um ângulo novo, diferente ou reforçou o que você já pensava sobre isso?

E: Acho que reforça mesmo. Porque quando a gente vê retratado assim algo que faz a gente ver e refletir a situação, acho que ainda é muito mais forte. Porque você tá ali uma cena. Mas acho que só reforça a pensar o quanto é uma discussão necessária, assim, urgente mesmo.

P: E você lembra de ter visto isso aparecer outras vezes assim na TV, na ficção? Em séries, em filmes brasileiros, você tem alguma lembrança que tenha te marcado disso ser discutido?

E: Não, principalmente em TV aberta. Não me lembro. Acho que **é muito pouco falado, muito pouco retratado. Fora situações espontâneas, a provocação do aborto não aparece.**

P: Por que você acha que isso parece tão pouco?

E: Justamente pela falta de querer falar sobre a situação, **é uma questão velada que as pessoas têm muita dificuldade mesmo de falar, de discutir, de não sei, talvez encarar mesmo** a realidade como ela acontece. Então isso não é retratado, não é falado. O que é falado, acho que é por pequenos grupos que se movimentam, que defendem a questão, que tentam puxar isso para debate mas que não é uma coisa mencionada. **Se pensar que é uma escola, que a série no caso se passa dentro de uma escola, pensar também no quanto isso deveria ser muito mais falado na educação, por exemplo.** A gente tem uma dificuldade muito grande de falar sobre educação sexual. Isso não é falado, as discussões dos últimos anos aí sobre a dificuldade inclusive sobre falar sobre educação sexual nas escolas, né? O quanto esse peso já acontece e aí imagina mencionar a situação do aborto, a gente está atrasado mesmo nesse sentido.

P: Como você vê o papel, pensando no episódio, da escola naquela situação?

E: Um espaço de educação precisa abordar essas situações, precisa falar sobre isso, mas **pensando numa política de educação do Brasil a gente sabe que isso não acontece, né? Isso não existe, não é falado.**

ENTREVISTADA D

PERFIL - mulher da faixa etária 20-35 anos, negra, classe C

P: Na primeira cena, quando o episódio apresenta a personagem da Rita com os filhos no SUS para fazer o procedimento da laqueadura, qual foi seu sentimento por ela?

E: **É uma situação que é muito recorrente.** Eu passei por algo parecido ao tentar fazer exames de rotina no posto. **Bate uma revolta, bate uma criminalização.** Ver essa situação de marginalização.

P: Você vê então a situação que a personagem está passando ali como uma coisa comum entre as brasileiras? Acha que tem diferença entre as classes sociais?

E: **Essa situação é bem comum nos postos de saúde na classe C e D,** que recebem o serviço do SUS de maneira mais ampla. Mas **é o direito da mulher ter uma contracepção alternativa à camisinha.**

P: Já no hospital, os professores discutem a decisão dela e expõem suas posições em relação ao aborto. Com quem você se diria que você se identificou mais?

E: **Com quem tem uma visão mais compreensiva, de não julgar e sim socorrer** aquela aluna. Aquela visão **que não criminaliza a mulher como toda a sociedade já faz.**

P: Então seria a da professora?

E: Isso. Porque a outra visão não procura entender todas as camadas, todas as tentativas que ela teve, buscando o serviço de saúde, buscando uma laqueadura. Infelizmente, vítima da burocracia, ela não conseguiu e recorreu ao aborto. A **outra posição mostra a falta de debate que a gente tem sobre isso**, um debate onde se procure entender o outro lado.

P: Num certo momento, a médica diz que todo mundo tem escolha. Como você vê essa frase?

E: Polêmica. **Quem tem mais privilégios, mais acesso a serviços, por exemplo serviços médicos particulares, tem uma estrutura educacional mais facilitada, é o discurso clássico**. Não é nem só por essa questão do aborto, mas de entender o que o outro passa, quais barreiras o outro precisa para obter alguma coisa.

P: E ainda falando da do posicionamento da médica, a atitude dela foi correta em denunciar a Rita por abortar?

E: **É errado, não caberia denunciar**. Caberia apenas a ela socorrer a paciente. **Eu acho até uma segunda violência. A primeira violência é você não ter acesso a um serviço** que deveria ser seu, porque você paga imposto para isso. E a segunda é ser criminalizada por isso, estando quase morrendo. **É fora de contexto, fora de nexo. E bem machista**. A lei do médico é salvar a vida de alguém, não ficar debatendo a escolha do outro sem conhecer a busca do outro.

P: Como você se sentiu com a notícia de que ela tinha morrido? O que isso provocou em você?

E: Mexeu bastante. quantas estão morrendo nesse momento que nós conversamos? **Mostra o quanto ainda estamos engatinhando em relação a isso, o quanto o nosso corpo não nos pertence, o quanto ser mulher ainda é um crime hediondo nesse país**. Não só aqui mas em outros também. Chega a ser traumatizante a parte que ela morreu.

P: Como você vê o significado dessa morte no contexto do que acontece na série? Como interpreta esse final?

E: Eu interpreto como **uma sequência de negligências** da sociedade como um todo. A primeira negligência aconteceu no sistema público de saúde, toda a burocracia de tentar conseguir a laqueadura e não conseguir. E de repente ela encontra uma solução, infelizmente não teve uma estrutura adequada para que esse aborto aconteça, e logo após chegar no hospital ainda ter a negligência de ser contestada num momento em que ela está frágil, quase morrendo, em começo de hemorragia e acabar morrendo por isso. **É uma sucessão de negligências que a nossa sociedade comete oprimindo as mulheres**.

P: E se você pudesse reescrever o final desse episódio, que final você gostaria de dar para essa personagem?

E: Eu reescreveria o começo. Que ela tivesse acesso à laqueadura independente da idade ou de quantos filhos ela tenha ou não tenha. Acho que a partir daí já mudaria muita coisa. Acho que a Rita já teria até se formado na escola com esse começo mudado. Teria um efeito borboleta. Numa segunda camada, ter um sistema que permita, para a mulher que queira abortar, uma estrutura correta cirúrgica, psicológica também. E por fim, numa terceira camada, o aborto não ser criminalizado, mas ser criminalizada a negligência que a mulher sofre todo dia. É isso.

P: Você acha que o posicionamento da série em relação à questão do aborto é claro? Se sim, qual você é esse posicionamento?

E: **É que no Brasil, falar desse tema é cutucar onça com vara curta.** Acho que **esse episódio é uma cutucada para iniciar pequenos debates, mas que ainda precisam muitos episódios impactantes como esse para ampliar esse debate.** Eu acho que para os puritanos de plantão não vai mudar muita coisa, então que a conversa desse episódio [gere] debate nos pequenos grupos, principalmente entre as mulheres.

P: Você considera que a forma como a série tratou esse tema foi sensível, foi adequada? Como você analisa a maneira como isso foi tratado?

E: Eu acho que foi adequada sim. O fato da Rita morrendo na intenção de chocar é um alerta para gente começar a debater isso.

P: Você é contra ou a favor da descriminalização? Se considera feminista?

E: Eu sou a favor do aborto sim, mas não só. Sou a favor de todo um sistema que possa facilitar para a mulher ter o acesso aos seus exames de rotina, aos métodos contraceptivos sem a burocracia do SUS. Sou a favor de uma estrutura clínica para que essas mulheres possam abortar e auxílio psicológico também. Me considero feminista num nível inicial, tem que haver esse debate sim. A questão é que a mudança tem que acontecer dentro da gente primeiro, porque somos machistas por natureza e às vezes sabotadoras também.

P: Como você diria que sua posição em relação ao aborto se formou ao longo da sua vida?

E: Olha, por amigas não foi, porque as amigas que estudaram comigo na escola têm uma visão bem cristã das coisas e jamais admitiriam isso. **Isso foi se formando também com experiências pessoais.** A minha primeira transa, por exemplo, a camisinha estourou. Então já comecei a carreira cogitando isso. Não engravidei, mas já corri com a pílula do dia seguinte. **Mas em último caso, se fosse necessário, eu abortaria. Porque me impediria de começar uma carreira, de estudar, tudo mais.** Como seria a logística com um filho nos braços? Querendo ou não, o mundo inteiro fala sobre ter filhos, mas **não dá um suporte para mulher que tem filhos poder continuar a vida dela, seja acadêmica ou profissional. Querem sempre condicionar a gente a ser exclusivamente a função de mãe.** E as outras funções? E as outras realizações que a mulher quer ter e o filho atrapalha. Foram vivências pessoais, essas questões com o SUS, **a internet**, vídeos, é uma mescla. Um pouco também de leituras na internet, algumas notícias sobre a Argentina, do debate que a sociedade de lá teve nos últimos anos.

P: Você acompanhou a descriminalização na Argentina?

E: Sim, em 2018 eu passei férias lá e no meu último dia antes de partir, teve uma baita passeata nas avenidas da região central sobre esse assunto. Era um número massivo de mulheres e homens marchando pelo debate. Foi incrível, travou a avenida toda.

P: E você lembra de já ter visto alguma vez assim principalmente na TV brasileira, na TV aberta, outras tramas sobre aborto, outras séries, novelas que tenham tratado desse assunto? Você lembra de alguma?

E: Não. Digamos que a TV brasileira é muito norteadada pelo que a igreja... é a primeira vez que eu vejo esse tema ser dito com toda a trajetória da personagem, a busca da personagem antes de chegar no ponto de querer abortar e o quanto poderia ser impedido.

P: Você diria que a discussão que a série traz sobre o aborto fez você encarar a questão por algum ângulo novo, diferente, ou mais reforçou que você já achava antes sobre essa questão?

E: Reforçou mais o que eu pensava sobre. Só que eu acho que deu um toque de realidade para o que eu pensava. Eu meio que não tinha tanta noção da busca da mulher até chegar nessa situação de morrer por causa disso. Mas reforçou o que eu já sabia.

P: E como você vê o papel da escola na trama?

E: É um papel bem raso. Eu acho que as escolas deveriam dar um suporte psicológico, principalmente aos alunos do EJA, porque são alunos que tem histórias de vida complicadas, fragilizados.

ENTREVISTADA E

PERFIL - mulher da faixa etária 45-65 anos, branca, classe C

P: Quando o episódio apresenta a personagem da Rita, qual foi o seu sentimento por ela, sua primeira impressão?

E: A primeira coisa que eu pensei foi poxa, infelizmente isso não é ficção. É vida real. Eu vi nela o que a maioria da população passa. Entendi a raiva dela, o sentimento dela de não estar sendo atendida no que ela precisava, mas também entendo o quanto o sistema de saúde é limitado para algumas demandas. A princípio parece que existe um pouco de má vontade ali da própria enfermeira, e eu senti os dois lados, o lado **dela de não estar sendo atendida me deu um certo sentimento de angústia e de abandono**. Mas a gente também entende que o sistema de saúde tem várias falhas, que não era a intenção do médico agir daquela maneira mas era o que estava dentro das possibilidades.

P: Já no hospital, os dois professores discutem sobre a decisão dela. Com qual posicionamento você se identifica mais naquela conversa?

E: Ao longo da minha trajetória eu **já passei por todos os posicionamentos, 'não sei se eu tenho uma posição formada'**. Mas naquela cena, naquele momento eu me identifiquei mais com a posição da professora, de que o aborto está aí, existe, e é uma questão que tem que ser vista.

P: Tem um outro ponto que surge ali que é a escolha. A médica diz que todo mundo tem escolha. Como você vê essa questão? Você concorda com que a médica fala?

E: A **mulher tem que ter o direito de fazer essa escolha**. No caso da Rita, não dá pra gente saber história dela, a gente vai supondo por algumas coisas. Mas eu **fiquei pensando de como era a relação dela com esse marido, no quanto que ela teria de apoio**, enfim uma série de coisas. Mas do que tá ali, me parece que ela tava num momento de muito desespero e acho que a escolha dela foi essa talvez por não conseguir olhar para pra situação de outra forma. Eu acho que é uma escolha que tem que ser respeitada. Mas é isso, eu vejo que principalmente pra mulheres na situação da Rita, no contexto dela — **uma menina que estava fazendo EJA, então a gente entende que ela não tem não teve um estudo, não teve uma formação, talvez não teve uma família que discutisse esse tipo de situação**. Então **dentro dos recursos que ela tinha, talvez ela não tinha muitas opções de escolha, é uma pessoa de recursos muito escassos**, para poder escolher. Dentro daquilo que ela tinha de opções, **talvez essa fosse a única que ela entendeu que poderia resolver as dificuldades e as demandas** dela. Eu vejo que é uma escolha, mas que tem pessoas que têm recursos muito fracos, muito pequenos, muito pobres, no sentido de não ter instrução, não ter um lugar que acolha e que discuta essa situação e que abra outras possibilidades.

P: E na sua opinião, a médica estava correta em denunciar e por quê?

E: Eu acho que **sim, enquanto profissional**, porque ela também responde. Acho que ali ela agiu como profissional. E **dentro daquilo que a gente conhece das leis e da ética médica, ela teria que fazer isso mesmo**.

P: E como você se sentiu com a morte da personagem? Quando eles avisam que ela não sobreviveu, qual foi o seu sentimento, seu pensamento?

E: De **muita tristeza**, porque como eu falei, mesmo sendo uma coisa da ficção, a gente sabe que é vida real. **Como era ficção, ainda a gente fica esperando ter um final um pouco mais feliz**. Mas infelizmente não teve. E aí eu **já fiquei pensando nos filhos**, o que ia ser dessas crianças, aí eu fui longe. Me deu uma sensação de muita tristeza, de ser mais uma vítima, por toda essa condição que eu falei anteriormente de ser **uma mulher que nunca foi olhada, que nunca foi cuidada, que nunca foi atendida nas suas necessidades**. E aí ela, jovem, perde a vida e eu fiquei pensando o quanto isso vai se reproduzir com os filhos dela. Até um **sentimento de impotência**. Então acho que é isso: **tristeza, impotência, vontade de poder fazer alguma coisa por essas mulheres**, porque acho que **a Rita simboliza ali uma população muito não vista**.

P: E você falou que até esperava um final um pouco mais feliz, talvez. Qual final alternativo você gostaria de dar para ela?

E: Que ela sobrevivesse, saísse disso e pudesse ser acolhida ali no hospital, pelos profissionais de saúde, que os professores pudessem formar uma rede de apoio ali para ela e que ela passasse por um momento de superação disso tudo, até como um aprendizado, de crescimento e de mudança na vida dela. Porque acho que **o fato de ela estar estudando indica que ela tava buscando alguma mudança**, sair daquela condição, né? Que isso continuasse, que realmente ela pudesse buscar uma história diferente para ela.

P: Qual você acha que é o significado da morte dessa personagem no contexto da série?

E: Simbolicamente, te diria duas coisas. A primeira é que pensando no que eu falei de que a Rita simboliza todas essas mulheres, o quanto essa classe, esse grupo, esse coletivo não é olhado e está caminhando muitas vezes para esse final. Talvez não a morte física, mas a morte de muita coisa, a morte de recursos internos, da autoestima, do desejo de viver. E aí acho que pensando na questão física mesmo, material, a impossibilidade de muitos recursos. Se o aborto fosse algo legalizado, eu penso um pouco nesse sentido: **pessoalmente é uma coisa que talvez eu não faria**, mas se fosse algo legalizado ela não teria esse fim, talvez ela pudesse ter essa escolha de uma maneira mais digna. **Acho que a morte dela representa a falta de dignidade que muitas mulheres vivem hoje, seja numa situação de gravidez, de violência doméstica, de ser mãe solo.** Acho que é isso assim, a morte dela é a falta de dignidade pra todas as mulheres da nossa sociedade.

P: E você acha que a série tem um posicionamento claro em relação à questão do aborto? Se sim, qual seria?

E: Eu **não acho que ela tenha posicionamento claro.** Eu acho que pelo menos o que me passou a ideia é de levantar **várias possibilidades, várias discussões, vários caminhos para provocar mesmo uma reflexão. Não entendi como a favor ou contra.** Ou talvez esse seja o posicionamento, provocar uma reflexão em quem está assistindo e traz várias vertentes, vários pensamentos com relação ao tema.

P: E em relação à forma como a série trata a questão do aborto, você acha que é um tratamento adequado, sensível?

E: Eu achei que foi, eu **me emocionei muito, quase chorei.** Eu acho que abordou de uma forma **muito realista**, mas com cuidado, acho que teve uma sensibilidade, **um olhar muito cuidadoso e muito fiel à realidade.** Apesar de ter mostrado a realidade nua e crua, sem muito romantismo, teve um cuidado, acho que teve um olhar muito cuidadoso sim.

P: No que você vê esse cuidado? Você pode dar algum exemplo?

E: O **próprio processo do sofrimento dela, de quando ela começa a sentir dor, acho que as cenas foram muito cuidadas, no sentido de mostrar que ela estava sofrendo, mas não mostrar nada muito chocante, muito explícito, muito agressivo, de sangue. Teve uma hora que eu fiquei imaginando ver ela sangrando,** alguma coisa assim. Teve um cuidado de **não ser uma coisa muito sensacionalista, pra chocar.** Porque aí também eu acho que seria parcial, né? Porque **se mostra tudo isso, seria 'tá vendo, ce faz aborto, olha o que acontece'.** Então acho que teve esse cuidado de não mostrar o fato de uma maneira muito cruel.

P: Queria saber um pouco da sua relação com o feminismo. Você se considera feminista?

E: Ai, pergunta difícil. Eu penso muito que todo radicalismo ele não nos leva para lugar nenhum, nos deixa numa posição engessada. Estou num momento da minha vida em que comecei a me abrir pra algumas discussões, até por estar entrando na menopausa, aquela coisa da mulher mais velha. E aí a gente vai revendo muitas coisas, né? Acho que quando eu era mais jovem, eu tinha um pouco essa coisa do feminismo, dessa briga com machismo e feminismo, de que tinha que ser uma guerra. E hoje eu vejo isso de uma forma mais flexível. Eu penso que lutar pelos direitos das mulheres não significa igualar as mulheres aos homens. Nós continuamos sendo mulheres, temos as nossas diferenças, fisicamente,

biologicamente. Acho que não é uma questão de luta para ver quem é mais forte. Eu não sei se eu posso me considerar feminista. Me considero uma mulher que entende que a mulher tem que ser respeitada, ter direitos garantidos, inclusive de igualdade em algumas questões, de salário, de oportunidade de trabalho, mas tem algumas coisas que são muito particulares da mulher e que também tem que ser vistas e entendidas. Essa coisa da mulher ter que ser forte o tempo todo não é legal. Na vida da Rita ela teve que ser muito forte desde muito cedo, ela que segura uma barra sozinha e ela não deu conta.

P: A discussão trazida na série fez você encarar a questão do aborto por um ângulo diferente, ou reforçou ideias que você já tinha antes?

E: Reforçou as ideias que eu já tinha por trazer esses vários olhares.

P: Você lembra de já ter visto outras tramas sobre o aborto na TV? Pode ser há muito tempo, teve algo que te marcou?

E: Não me lembro. Assim de pronto, não lembro. Talvez eu tenha visto em alguma dessas séries americanas, mas não lembro.

P: Você acha que esse tema é pouco abordado na televisão brasileira?

E: Acho, **muito pouco**. Por isso que eu falei, achei interessante a forma como foi abordado na série por isso, porque é **uma coisa muito pouco dita**.

P: Como você vê o papel da escola na vida dessa personagem, em relação ao que acontece com ela?

E: **Talvez é onde muita coisa poderia ser evitada**. Uma coisa que infelizmente acho que não é comum. A série mostra muito o que é comum, o que é a realidade — eu não sei se as escolas têm esse olhar que esses professores têm. **A maioria das escolas têm um olhar muito preconceituoso, muito punitivo** com relação a algumas questões. Mas eu acho que **o papel da escola é fundamental, desde a parte de prevenção, de informação e de orientação**. Talvez se a Rita tivesse tido oportunidade de frequentar uma escola lá atrás que falasse sobre sexualidade de uma forma muito tranquila, muito aberta, se falasse sobre aborto, ela não teria o final que ela teve. Então **a escola é o personagem principal aí, deveria ser pelo menos**. Acho que **é uma escola que acolhe muito essas questões sociais**, que tem professores muito militantes e ativos nas questões, com uma visão muito aberta de mundo, nas que acolheram a Rita infelizmente no momento que a coisa já tava difícil de reverter.

ENTREVISTADA F

PERFIL - mulher da faixa etária 45-65 anos, branca, classe A

P: Quando o episódio apresenta a Rita no início, qual foi o seu sentimento por ela?

E: A gente sente **uma empatia enorme** pela personagem e é **angustiante saber que a pessoa não tem esse poder de decisão**. No caso, **depois de saber que está grávida, ela tem mais direito ainda de decidir sobre o que ela quer para a vida dela**. **Esse poder de decisão não pode estar na mão do outro, eu acho que tem que estar na mão da mãe de três filhos, até porque evitaria que ela morresse, provavelmente, que ela tomasse uma decisão tão desesperada**. Então é

simples assim, você tem que ter o livre arbítrio. Eu sou super a favor do aborto, mas deixando de lado questões religiosas, sentimentais, sendo simplesmente prática. Tenho pessoas próximas da mesma classe, da minha família, que já fizeram aborto porque não queriam ter um terceiro ou quarto filho, mas aí paga né? Vai num lugar legal e faz, tudo bem. Essa pessoa mal tinha o dinheiro para sustentar os filhos, que dirá para cuidar dela, e tomou uma decisão errada, na intenção de proteger os filhos e de não ter um quarto filho, ela tomou uma decisão que acabou tirando a vida dela.

P: Errada em qual sentido?

E: No sentido de que ninguém deixou uma opção certa para ela, **ela não teve opção. O marido não era um parceiro pelo que ficou claro no episódio, tanto que ela não dividiu essa informação com ele.** Ela soube que estava grávida e só tentou resolver a questão. A única coisa errada foi que ela, no desespero, **acabou tirando a própria vida.**

P: Pensando na situação dessa personagem, no que ela representa, você diria que é comum no Brasil?

E: Eu acho que em relação à diferença de classe, nesta hora não existe diferença. Na hora de uma decisão dessas, você pode ter dinheiro ou não. A diferença é o poder financeiro, **a tua liberdade está no dinheiro que você tem** e isso é uma puta sacanagem. Apaga o puta sacanagem. Ela não tem como se defender. É um horror isso, eu fico revoltada. [voz embargada] E representa 70%, maioria. Porque a classe que tem um poder aquisitivo melhor é um, dois por cento no Brasil.

P: Acha que a médica estava correta em denunciar a paciente por abortar?

E: **Se eu fosse a médica, eu não denunciaria. Eu preferia cometer um crime do que pôr uma mãe de família na cadeia.** Mas o médico faz um juramento de salvar a vida dos pacientes e ela não pode se envolver com cada episódio que acontecer na vida profissional. **Em resumo, ela não está errada** de falar que a menina tomou um abortivo. Mas **ela podia simplesmente falar que a pessoa chegou abortando**, não porque tomou nenhum medicamento, simplesmente o corpo dela está rejeitando acabou. **Deixa eu ver como é que eu vou me decidir. Então ela tá errada.**

P: Na discussão entre os professores sobre o aborto, com qual posicionamento você se identifica ê?

E: É claro que eu **me identifico com a professora** que estava totalmente a favor da personagem. E o professor, senti na hora que talvez não fosse a opinião dele, fosse nesse momento de desespero a primeira coisa que a pessoa fala: por que você fez isso? Mas a questão é muito maior que essa. Então eu fico do lado da professora.

Depois do susto **ele se torna totalmente empático à questão, tanto que discute com a própria mãe. E aquela argumentação dela de 'se sua mãe tivesse abortado você não tava aqui agora' é uma bobagem, uma estupidez. Não é um tipo de argumento válido num momento desses,** porque depende das circunstâncias. Graças a Deus ele tava lá, ela teve oportunidade de pegar. Mas e os outros, um milhão de **crianças que estão andando na rua pedindo esmola porque a mãe não teve coragem de abortar** ou — não teve coragem não, as pessoas não tem que abortar. **A mãe**

simplesmente não usou um método anticoncepcional, mas como é que a gente vai falar isso No Brasil se as pessoas são analfabetas, se as pessoas são ignorantes não de burras, de falta de conhecimento, porque o país tem uma obrigação que não cumpre, de dar educação e saúde. No SUS tem baldes de camisinha em todos os lugares, mas não tem ninguém explicando, orientando. Então é bárbaro esse seriado, espetacular e reflete totalmente, 70% no mínimo da população feminina, eu acho. Fora que assim, tem toda uma questão machista por trás disso, que se ela não transar com o marido. Não é fácil ser mulher.

P: Como você se sentiu quando dão a notícia de que ela não tinha sobrevivido? Foi surpreendente para você, qual o sentimento?

E: Surpreendente não, pelo caminhar das coisas. Ela tomou um abortivo de um camelô sem saber o que era, foi se consultar de novo com um camelô, que vendeu para ela mais uma dose, quer dizer, o cara não está nem um pouco preocupado. Ela estava tão desesperada que nem pensou nessa questão. **Chocada eu não fiquei, mas fiquei muito triste. A primeira coisa que eu pensei foram os filhos dela,** nas três crianças. Mas isso deve ser milhões de vezes mais comum do que a gente imagina.

P: Se você pudesse criar um final diferente para essa personagem, como seria?

E: Meu final alternativo seria ela chegar no SUS, o horário da laqueadura estar confirmado, esquecendo que ela estava grávida. O final é esse: se quer fazer, vai fazer a laqueadura, não importa se formou o marido ou não, a senhora tem esse direito. E é isso. E ela viver e ter oportunidade de criar os filhos. Então o meu final feliz é começar de novo o episódio, já começar com um fim no SUS.

P: Como você vê o significado dessa morte dessa personagem? O que ela significa no contexto do episódio?

E: Ela significa o que acontece, vamos dizer assim. A ideia que eles querem passar é que **a mulher, além de não ter livre arbítrio, a sociedade ainda — tô falando aqui no Brasil,** não de outros lugares — **não dá condições para uma mulher mãe de família** que geralmente é quem leva a família, **tomar as rédeas da própria vida e quando toma tem que tomar de maneira desesperada, Ela não tem apoio nenhum da sociedade. A falta de apoio da sociedade para com as mulheres de classe C, D.** Isso mostra que a gente não pode deixar tudo nas mãos do governo. A sociedade teria que se mobilizar para ajudar mais essas mulheres. **Ela é um símbolo do que acontece a maior parte das vezes no Brasil. Já aconteceu na casa da minha mãe uma funcionária tomar um abortivo e o meu irmão teve que levar ela de emergência para o hospital e ela morreu.** Então isso é muito comum. **As mulheres estão totalmente abandonadas à própria sorte.**

P: E na sua visão a série tem um posicionamento claro em relação à questão do aborto?

E: **A série não tem um posicionamento claro em relação ao aborto. A série tem um posicionamento super claro em relação ao que acontece com as mulheres no Brasil, é uma realidade do Brasil. Mas em nenhum momento eu vejo eles forçando o telespectador a decidir**

por um lado ou por outro, tanto que eles mostram todos os lados. Não vi em nenhum momento eles falando você tem que ser assim ou de outro jeito, **ele só mostram os fatos, as reações antagônicas das pessoas, mas você decide.**

P: Você considera o tema que a série dá ao tema adequado e sensível? Por quê?

E: Extremamente adequado, extremamente sensível, super importante. Devia ser veiculado mais cedo, no lugar de um monte de abobrinha que passa na televisão, um monte de estupidez. Hoje as crianças vêem coisas um zilhão de vezes piores. **Isso é espetacular, devia ser sessão da tarde.** Devia ter uma sessão da tarde com todas essas questões que são espinho na garganta e depois do episódio poderia ser debatido. **Acho extremamente pertinente e eu não sou uma pessoa que gosta de sofrer vendo,** mas não é sofrido, é uma série muito bonita, que trata de amizade, de solidariedade e da realidade.

P: A discussão sobre o aborto da forma como ela aparece ali fez você encarar a questão por um ângulo diferente ou reforçou o que você já pensava antes?

E: Reforçou que eu já pensava. Eu sou a favor do aborto e do livre arbítrio, a mulher tem que ter esse direito de decidir. Sou a favor que deixe de ser aborto, que seja uma coisa permitida por lei, uma curetagem no SUS. **Eessa palavra aborto que deveria mudar. Ela carrega uma ideia de você estar tirando uma vida. Não, você está preservando três.** Três crianças que ela já tinha, quatro com a vida dela. Só reforçou a opinião que eu tenho de que isso tem que ser legalizado **para a mulher ser dona do próprio corpo. Ela não pode fazer sexo? Claro que pode! Tem que fazer.**

P: E você lembra de ter visto outras tramas sobre aborto na TV brasileira?

E: Olha para ser sincera, eu sei que teve com certeza, novela um monte de coisa. Mas não lembro. Nada que tenha me marcado. **Deveria ser mais colocado nessas novelas** aí cheia de abobrinha que eles passam.

P: Como você vê o papel da escola na trama?

E: A escola de comunidade eu acho que é como se fosse uma família, é como eu vejo. Eu não sei se é assim porque eu não frequentei escola em comunidade, frequentei escola particular. A escola é imprescindível. **Nesse episódio, os professores são extremamente esclarecidos, solidários** e isso é muito legal. Eu acho que reflete em parte algumas escolas de comunidade ou próximas à comunidade. Mas **na televisão essa escola está bastante idealizada perto da realidade.**

ENTREVISTADA G

PERFIL - mulher da faixa etária 45-65, negra, classe D

P: Você falou que militou no movimento negro.

E: Militei no movimento negro e também no movimento de mulheres, aí chegou uma hora que eu achei que devia fazer outras coisas, mas nunca deixo a militância de lado. Por exemplo, aquele dia que você me viu, eu levei um projeto para aquele lugar onde só de autores e autoras negras e

livro com protagonistas negros para as crianças. Então a minha militância passou a ser não embativa, mas uma militância diferente, vamos dizer assim. Não existe militância diferente, mas vc está entendendo né? Eu tô fazendo de outra forma. O embate que eu já fiz quando era mais nova. O embate eu já fiz, não quero fazer mais. Deixa para os mais novos fazerem agora.

P: Quando o episódio apresenta a personagem, como você a viu, o que sentiu em relação a ela?

E: Eu **senti pena**, como eu sinto de todas as pessoas que precisam de um atendimento na rede pública. **É muito triste ver o tratamento que as pessoas têm. Não precisava ser daquele jeito, não precisava ser no meio de todo mundo. O desespero daquela mulher não chegava na mente nem no coração de ninguém que estava ali.. Só ela sabia** porque que ela estava lá e daquele jeito. É um **desespero**.

P: A situação que a série está representando é comum, existe diferença em relação a classes?

E: Opa. [risos] Sim, é comum. **A mulher que tem condições financeiras**, ela não vai no SUS fazer ligadura de trompas. Ela vai pagar para fazer isso, **vai pagar para fazer um aborto. É muito mais tranquilo**, né? **Eu fiz aborto uma vez**. Eu fiz um empréstimo. Eu tinha uma relação com um médico e ele cuidou de mim, me internou. Se eu, que não tinha condições, fui privilegiada naquele momento, imagine **quem tem condições. Vai ficar no melhor lugar, no melhor hospital. Não vai falar em público. Então quem tem privilégios, tem privilégios em todos os lugares. Quem não tem privilégio, não tem privilégio lugar nenhum.**

P: Como você a decisão da médica de denunciar o aborto?

E: Eu acho que ela fez o que ela faz praticamente todos os dias ali, né? Porque não é só citotec, é garrafa, é grampo, é tudo que elas colocam para se livrar de uma situação. E **o papel da médica**, qual é? **É denúncia porque ainda é crime. Mas aquela mulher que foi lá no Einstein não vai ser denunciada nunca.** Então **ela fez o papel de médica que segue uma legislação, uma constituição, ela fez o papel dela.** Se é certo ou errado... **Não sei até onde ela podia dizer 'Não, eu não vou falar nada'.** O que sobraria da carreira dela também? Agora, **dois policiais homens irem até lá?! Isso também é outra agressão, né? Poderia até levar**, mas que viessem **duas mulheres** que tivessem uma capacidade de conversa e viesse **uma assistente social junto, uma psicóloga.** Sabe, **ela não matou ninguém. Ela se matou.** Até se ela tivesse sobrevivido, ela tinha se matado, ela matou a si própria. Não ia recuperar tão cedo. Então, como que dois policiais homens jogam uma mulher dessa numa viatura?

E: Na discussão entre os professores, com qual posicionamento você se identificaria mais?

E: **É óbvio que eu me identifico mais com a da moça.** Voltando na primeira cena, que a enfermeira fala 'você não usou camisinha?' Oi? Ela não tá na vida dela. **Ela não sabe como é a vida conjugal dela, se esse homem com o qual ela transou permitiu que ela usasse camisinha.** Então é tão absurdo isso. Você me pegou no laço. **As pessoas esquecem que ela tem um prazer dentro dela, que ela tem que saciar.** Agora, como foi isso?

P: Como você vê essa questão da escolha, mencionada pela médica, numa situação como essa?

E: Será que ela falou só de não tomar abortivo ou de não ficar grávida? Eu não sei o que que ela falou ali. 'Todo mundo tem uma escolha' — uma escolha de não transar, de reprimir os seus prazeres? De não usar camisinha porque o parceiro acha que é uma bobagem e que não dá o mesmo prazer? **Qual foi a escolha dessa mulher?** A gente nunca parou para perguntar: qual foi a sua escolha? **É isso que tá faltando, é essa conversa que falta. Que apoio tem essa mulher depois desse aborto?** Essa morreu, acabou. Mas e **se ela tivesse sobrevivendo, quem ia dar apoio para essa mulher?**

P: Como você se sentiu com a morte da personagem? Que significado acha que essa morte tem?

E: É uma punição da sociedade: **Não façam isso que vocês vão ser punidas. Se você fizer, você vai morrer. Crie 10 filhos, mas não faça isso. É muito triste, porque é uma morte social. Se ela tivesse condições, ela não morreria.** Então é uma morte social.

P: E que final alternativo você gostaria de dar para ela?

E: Ela sairia de lá bem curetada, bonitinha, maravilhosa. Pode até ser que uma psicóloga, uma assistente social estaria esperando por ela para conversar. Teria um médico também para dar um acompanhamento para ela. Ela voltaria para casa, seria acolhida por esse marido dela. E ter condições de ter alguma coisa para depois continuar os estudos dela. **Não ter o dedo apontado a ela, né? Eu gostaria que ela fosse acolhida, é essa a palavra.**

P: A série tem um posicionamento claro em relação ao aborto? Qual é?

E: Eu acho que tem um posicionamento **punitivo do começo da cena até o fim.** Não faça porque não é bom fazer. É muito claro, é punição.

P: Você não acha que é uma série pró-aborto então, pró descriminalização?

E: Não, **em hipótese alguma.** Ajudar a legalização do aborto, uma cena dessa? Acho que é mais punitiva na minha cabeça.

P: E você acha que o tratamento que a série dá a esse tema é adequado, é sensível?

E: Eu **acho que tem coisa mais interessante para ser mostrada para que a gente pense melhor na questão do aborto. Como documentários,** por exemplo. É sensacionalista. E ponto.

P: Você lembra de ter visto outras tramas sobre aborto na televisão, principalmente nacionais?

E: Ah, eu acho que sim, mas se você perguntar onde quando, eu não sei.

P: Não te marcou?

E: Não. Eu acho que nem essa me marcaria, se não fosse feito desta forma.

P: Como foi seu contato com esse debate ao longo da sua vida, como você formou essa visão que tem hoje?

E: Foi com certeza os movimentos sociais, o movimento negro, o movimento de mulheres, que formou. **Eu acho que já tinha muito isso em mim, mas firmou mais ainda a minha consciência** de que você é livre para fazer o que quiser. **Você tem um corpo que é seu e faz dele que você quiser, mas por outro lado você precisa do poder público para te ajudar** a fluir algumas coisas. Principalmente as **mulheres negras são pior atendidas nesse caso. Ainda aquela era uma moça branca, loira**. Se vai uma mulher negra numa condição dessa, ela é esculachada a mil, pior ainda. A gente tem muitas queixas de mulheres em ginecologistas. **É um dever do Estado nos ajudar a ter um hospital decente**, ter uma polícia decente, não mandar dois homens lá. **Meu corpo é meu, mas eu preciso do poder público para que me ajude a preservar este corpo. E essa é a luta**.

P: Por que acha que eles escolheram um corpo branco para representar essa mulher nessa situação?

E: Eu acho que **para aliviar um pouco** também, né? Porque mesmo ela morando numa comunidade, eles pegaram uma mulher branca da comunidade. Eu acho que menos mal.

P: Você acha que a discussão sobre o aborto na série fez você encarar a questão de uma maneira diferente ou reforçou o que você pensava antes?

E: Só reforça o que eu penso. É uma afronta à mulher aquilo. Ao corpo da mulher, ao pensamento da mulher, o que a mulher representa enquanto gente.

P: Acha que a escola tem algum papel relevante na trama?

E: Aquela escola e todas as escolas **têm que ter educação sexual. Existem famílias que não falam de sexo com as crianças**. Acha que não pode, que não deve. Aí a criança cresce sem entender muito bem uma série de coisas, que fica escutando conversa daqui e dali. E aí fica perdida em relação ao seu corpo, em relação ao outro ou à outra, ao seu sexo propriamente dito. Então a uma escola tem um papel extremamente importante. **O que aqueles dois professores fizeram, aquilo é maravilhoso, é o que eu gostaria de ver em professores**.